



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

THECIA KAROLINA SOUZA DE CARVALHO

SINAIS DE AFETO EM CONTEXTO DE VOZES SILENCIADAS: MANGÁ COMO  
LUGAR DE SUBJETIVAÇÃO SURDA

RECIFE  
2025

THECIA KAROLINA SOUZA DE CARVALHO

**SINAIS DE AFETO EM CONTEXTO DE VOZES SILENCIADAS: MANGÁ COMO  
LUGAR DE SUBJETIVAÇÃO SURDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como parte dos critérios de obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Paiva.

**RECIFE  
2025**

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Carvalho, Thecia Karolina Souza de.

Sinais de afeto em contexto de vozes silenciadas: Mangá como lugar de subjetivação surda / Thecia Karolina Souza de Carvalho.  
- Recife, 2025.

87f.: il.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco,  
Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.  
Orientação: Fábio da Silva Paiva.

1. História em quadrinhos; 2. Mangá; 3. Cultura surda; 4. Pedagogias culturais; 5. Estudos culturais em educação. I. Paiva, Fábio da Silva. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

**THECIA KAROLINA SOUZA DE CARVALHO**

**SINAIS DE AFETO EM CONTEXTO DE VOZES SILENCIADAS: MANGÁ COMO  
LUGAR DE SUBJETIVAÇÃO SURDA**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Federal  
de Pernambuco, como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Mestra em Educação.

Aprovada por videoconferência em: 29/07/2025

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Fábio da Silva Paiva (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco  
*[Participação por videoconferência]*

Prof. Dr. Ernani Ribeiro Nunes (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco  
*[Participação por videoconferência]*

Prof. Dr. Amaro Xavier Braga Júnior (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Alagoas  
*[Participação por videoconferência]*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Abrahamian Souza (Examinadora Externa)  
Fundação Joaquim Nabuco  
*[Participação por videoconferência]*

À Fabiana Cristina da Silva (*in memoriam*).  
Carrego esta dissertação como extensão do seu  
acolhimento, que se materializou nas  
orientações que me auxiliaram a trilhar o  
caminho de entrada neste programa.

## AGRADECIMENTOS

Ninguém consegue nada sozinho.

Embora certos caminhos traçados pareçam sugerir o contrário e apesar do senso comum de que o mestrado é uma formação solitária — um momento entre você e a pesquisa, em que é preciso construir autonomia e portanto, desapegar do apoio acadêmico e pessoal —, essa não é necessariamente a realidade consumada por aqueles que decidem percorrer o labirinto tortuoso da pesquisa.

Não por acaso, embora esse seja o discurso recorrente de colegas, amigos, professores e desconhecidos, ao lermos monografias, dissertações e teses, encontramos nesta mesma seção agradecimentos a uma série de pessoas, instituições, grupos de pesquisa e às vezes até animais de estimação que tornaram essas pesquisas possíveis.

É claro que ninguém escapa do sentimento de solidão, da sensação de incapacidade ou da desmotivação que o meio acadêmico muitas vezes nos impõe. Mas não enfrentamos tudo isso sozinhos, mesmo quando o apoio não é direto. Por isso, mesmo em meio a madrugadas insônes como esta em que escrevo, a incertezas, análises exaustivas, escritas travadas e questionamentos sobre minhas próprias decisões acadêmicas, encontro aqueles que se tornaram alicerce do meu fazer acadêmico.

À Silvia Rodrigues, pelo suporte materno e afetivo que me encorajou a chegar até aqui.

Ao Eduardo Marques, pelo amor infinito que temos um pelo outro e pela arte das flores de cerejeira, que floresceu na capa desta pesquisa.

À Fabiana Cristina (*in memoriam*), por me guiar no processo seletivo com todo o seu carinho; por me fazer acreditar na educação como ponte para novos caminhos diferentes daquele de onde vim.

À Capes, pelo suporte financeiro que viabilizou esta pesquisa.

À Carolina Piornedo, Laís Lins e Thiago Dias, pelo companheirismo, conselhos, diálogos e ombro amigo ao longo desta jornada.

À banca de qualificação e defesa, pelas contribuições que me ajudaram a trazer um novo olhar para o meu trabalho.

Ao Fábio Paiva, por me permitir conduzir esta pesquisa com autonomia.

On m'a dit que la littérature ne devait jamais ressembler à un étalage de sentiments et je n'écris que pour faire jaillir des sentiments que le corps ne sait pas exprimer.

Édouard Louis (2021)

## RESUMO

O presente estudo se propôs a interrogar os modos como os mangás *A Voz do Silêncio* (2020) e *Um Sinal de Afeto* (2024) mobilizam discursos que operam nos processos de subjetivação de sujeitos surdos, a partir da perspectiva que situa o mangá como um lugar de aprendizagem. A partir da hipótese de que os mangás constroem sentidos sobre identidade e diferença, analisam-se as personagens Nishimiya Shouko e Yuki Itose, observando como suas vivências surdas são traçadas nas narrativas. Assim, entendendo o mangá como um artefato cultural que participa da produção de saberes, afetos e sujeitos, a fundamentação teórica estabelece diálogos com os Estudos Culturais em Educação e os Estudos Surdos, abordando as noções de cultura, pedagogia e sujeito, além de caracterizar o mangá como pedagogia cultural. No percurso metodológico, adota-se uma perspectiva pós-estruturalista, compreendendo a prática de pesquisa como um processo de bricolagem. A análise do discurso de inspiração foucaultiana é utilizada como ferramenta para adentrar e interrogar os vazios e os discursos mobilizados nas obras, as quais também são contextualizadas neste momento. Os resultados encontrados evidenciam uma ambivalência histórica e social, na qual as narrativas dialogam com a historicidade da sociedade japonesa e com os modos de percepção da diferença — ora como bênção, ora como maldição. Ainda que se reconheça a recorrência de significados que reiteram uma lógica patologizante, emergem também deslocamentos que permitem a visibilidade de marcas da cultura surda, como a presença da língua de sinais, da comunidade surda e de reflexões sobre inclusão/exclusão de surdos. Nesse sentido, a pesquisa aponta possibilidades de ampliação do debate, seja por meio da análise de novos artefatos culturais articulados aos Estudos Surdos, seja pela escuta de vozes historicamente silenciadas, em direção a uma educação que reconheça a diferença e que permita que os sinais de afeto das pedagogias culturais nos atravessem.

**Palavras-chave:** História em Quadrinhos; Mangá; Cultura Surda; Pedagogias Culturais; Estudos Culturais em Educação.

## **ABSTRACT**

This study aimed to investigate how the mangas *A Silent Voice* (2020) and *A Sign of Affection* (2024) mobilize discourses that operate in the subjectivation processes of deaf subjects, based on the perspective that understands manga as a place of learning. Starting from the hypothesis that manga constructs meanings about identity and difference, the characters Nishimiya Shouko and Yuki Itose are analyzed, observing how their deaf experiences are traced within the narratives. Thus, by understanding manga as a cultural artifact involved in the production of knowledge, affects and subjects, the theoretical framework establishes dialogues with Cultural Studies in Education and Deaf Studies, addressing the notions of culture, pedagogy and subject, and characterizing manga as a cultural pedagogy. In terms of methodology, a post-structuralist perspective is adopted, conceiving research as a process of bricolage. Discourse analysis inspired by Foucault is used as a tool to access and question the silences and discourses mobilized in the works, which are also contextualized at this stage. The findings reveal a historical and social ambivalence, in which the narratives engage with the historicity of Japanese society and the ways it perceives difference — at times as a blessing, at others as a curse. Even though a pathologizing conception of deafness prevails, moments that emphasize aspects of Deaf culture are identified, such as the presence of sign language, the Deaf community and reflections on inclusion/exclusion. In this sense, the research points to possibilities for expanding the debate, whether through the analysis of new cultural artifacts linked to Deaf Studies or through listening to voices historically silenced; toward an education that recognizes difference and allows us to be affected by the signs of affection found in cultural pedagogies.

**Keywords:** Comic Books; Manga; Deaf Culture; Cultural Pedagogies; Cultural Studies in Education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> — Capa do primeiro volume de Um Sinal de Afeto.....	61
<b>Figura 2</b> — Uso do smartphone e da leitura labial para se comunicar.....	62
<b>Figura 3</b> — A relação de Yuki e Oushi.....	63
<b>Figura 4</b> — Yuki ignora Oushi e vai em direção ao seu objetivo.....	64
<b>Figura 5</b> — Yuki agradece a Itsu.....	66
<b>Figura 6</b> — Visão de Shouya sobre Shouko.....	68
<b>Figura 7</b> — Uma coisa que não tem jeito.....	70
<b>Figura 8</b> — Eu e você, podemos ser amigos?.....	72

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> — Pesquisas do programa de pós-graduação em Educação sobre o Surdo.....	22
<b>Quadro 2</b> — Quadrinhos como objeto de estudo em dissertações e Teses da UFPE.....	25
<b>Quadro 3</b> — Artigos sobre mangás e educação no portal de periódicos da CAPES.....	28
<b>Quadro 4</b> — Demografia de mangás no mercado editorial japonês.....	38
<b>Quadro 5</b> — Mangás com personagens surdos.....	46

## **LISTA DE SIGLAS**

CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FENEIS — Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

INES — Instituto Nacional de Educação de Surdos

JFD — Federação Japonesa de Surdos

LIBRAS — Língua Brasileira de Sinais

PPGEDU — Programa de Pós-Graduação em Educação

UFPE — Universidade Federal de Pernambuco

UFPR — Universidade Federal do Paraná

UFRGS — Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRPE — Universidade Federal Rural de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>VOLUME I: POR TRÁS DOS TRAÇOS, O CONTORNO.....</b>	<b>22</b>
1.1 CAPÍTULO 1: ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO.....	30
1.1.1 Extra: Que Lugar é Esse?.....	34
1.2 CAPÍTULO 2: NARRATIVAS QUE ECOAM.....	36
1.3 CAPÍTULO 3: SUJEITOS SURDOS, TRAJETÓRIAS DE SI.....	41
1.3.1 Extra: O Surdo em Cena.....	45
<b>VOLUME II: POR TRÁS DOS QUADROS, O ESBOÇO.....</b>	<b>51</b>
2.1 CAPÍTULO 1: NARRATIVAS SELECIONADAS.....	54
<b>VOLUME III: POR TRÁS DOS BALÕES, O DISCURSO.....</b>	<b>57</b>
3.1 CAPÍTULO 1: ESSE É O MEU MUNDO.....	60
3.2 CAPÍTULO 2: NISHIMIYA SHOUKO, EU NÃO GOSTAVA DELA.....	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>80</b>



---

**INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

[...] como nos deixamos tocar pelo que lemos, pelas aulas a que assistimos, pelos problemas de educação dos quais desejamos falar em nossos trabalhos, pela beleza dos conceitos que herdamos de um filósofo, de um sociólogo, de um psicanalista, de um educador? E o que tudo isso de fato tem a ver com nossa vida, com aquilo que amamos e que se faz carne viva em nós? (Fischer, 2005, p. 119).

Início esta dissertação respondendo às indagações de Fischer a partir da minha experiência que reverbera o fazer da pesquisa e o pulsar dela como uma paixão. Reconheço três momentos de deslocamento na minha trajetória que contribuíram para o que hoje esta pesquisa se tornou e para o que se faz carne viva em mim.

Entre idas e vindas para a conclusão desta escrita, revisitei meu passado inúmeras vezes, buscando refletir sobre o tipo de pesquisadora que sou e que desejo me tornar. Nesse processo, fiz uma viagem ao segundo período da Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E foi nesta visita que percebi que, de certo modo, esta pesquisa já estava predestinada a acontecer.

Foi ali que, na disciplina Identidade, Cultura e Sociedade, folheando as páginas de *Identidade e Diferença* (2014), fui tocada pelos Estudos Culturais, embora ainda sequer soubesse nomear esse campo. Naquele momento, a leitura obrigatória do capítulo em que Tomaz Tadeu da Silva se debruça sobre a produção social da identidade e diferença me convocou a lançar um olhar atento às relações de poder entrelaçadas nos processos de representação das identidades culturais. Este capítulo abriu um espaço para que enxergasse a identidade como um campo em constante tensão e transformação. Este foi o meu primeiro momento de deslocamento.

Em seguida, a descoberta de que poderia unir meu interesse pelos mangás à pesquisa acadêmica direcionou minha monografia para o processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para crianças ouvintes. Nesta pesquisa, a partir de *A Voz do Silêncio* (2020), crianças do 5º ano de uma escola municipal em Paulista identificaram aspectos da cultura surda e da linguagem dos quadrinhos, elaborando tirinhas para mostrar as razões para aprender a Libras. A conclusão desta pesquisa marcou o segundo momento de deslocamento, pois entendi que não desejava encerrar essa trajetória e o que era uma conclusão, se tornou um *até logo*.

O até logo chegou, marcando o terceiro momento de deslocamento, o qual ocorreu durante a elaboração desta dissertação, marcada por contornos e retornos que me conduziram aos conceitos e autores que fundamentam este trabalho. A presença pertinente embora discreta

de Michel Foucault me impulsionou a aprofundar-me sobre os modos de subjetivação que permeiam e configuram nossas experiências com as pedagogias culturais.

Assim, permito que os autores que mobilizo me afetem, assim como o mangá me afeta. Desde que se tornou uma paixão, passou a ir além do entretenimento e se transformou em um lugar de múltiplas aprendizagens. Por isso, esta pesquisa me atravessa para além do objetivo de cumprir uma exigência acadêmica. Ela diz respeito ao que me toca, ao que escolhi estudar porque me envolve e me faz pensar sobre a educação, sobre a diferença, sobre o mundo ao meu redor enquanto uma pessoa ouvinte.

De acordo com Silva (2014), identidade e diferença estão intimamente relacionadas às relações de poder, pois são processos de produção social. Como destaca o autor, as identidades “[...] não são elementos passivos da cultura, mas têm que ser constantemente criadas e recriadas” (Silva, 2014, p. 96). Nesse sentido, não se pode entendê-las como fixas, estáveis ou coerentes. Na verdade, as identidades são marcadas por instabilidade, contradições e fragmentações, estando sempre em articulação com estruturas discursivas e narrativas.

Dessa forma, concordamos com Hall (2019) ao afirmar que a identidade do sujeito é formada e transformada pelos modos como somos representados e interpelados nos diferentes discursos. Nessa mesma direção, a perspectiva foucaultiana entende que nos tornamos sujeitos pelos processos de subjetivação aos quais somos submetidos. Nesse contexto, a mídia funciona como um dispositivo pedagógico que produz e regula modos de pensar, sentir e agir (Fischer, 2002).

Partindo desses pressupostos, as pedagogias culturais podem ser entendidas como lugares que atuam na aprendizagem de quem é por elas interpelado. Filmes, séries, músicas, jogos, publicidades e histórias em quadrinhos podem produzir e ressignificar discursos. Nesses espaços, são construídos sentidos sobre identidade, diferença e deficiência, atravessados por relações de poder. Desse modo, as pedagogias culturais funcionam como dispositivos que ajudam a constituir sujeitos e modos de ver e habitar o mundo.

Os mangás ocupam um lugar de destaque no cenário global. Sua presença nas estantes de livrarias cresceu de forma expressiva nas últimas décadas, alcançando diferentes faixas etárias e consolidando-se como um dos principais produtos culturais do Japão. No contexto brasileiro, observa-se um aumento significativo no consumo dessas narrativas, as quais vêm ganhando espaço não só entre jovens leitores, mas também em debates acadêmicos e educacionais, tornando-se objeto de estudo a partir de diferentes perspectivas teóricas (Pereira; Ferreira, 2020; Santo; Carneiro, 2020; Pinho; Amaro; Baalbaki, 2022; Nazareno; Reisdorfer, 2022; Carvalho; Souza, 2023).

Os Estudos Surdos, por sua vez, surgem como uma ramificação dos Estudos Culturais e desestabilizam aquilo que costuma ser naturalizado. De acordo com Skliar (2013), eles se caracterizam como um território de investigação educacional que através de uma série de concepções linguísticas, culturais e de identidades, designam uma aproximação com os discursos sobre a surdez e sobre o povo surdo. Partindo disso, o autor afirma que:

O nosso problema, em consequência, não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades surdas, não é a língua de sinais, mas, sim, as representações dominantes, hegemônicas e “ouvintistas” sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos. Desse modo, a nossa produção é uma tentativa de inverter a compreensão daquilo que pode ser chamado de “normal ou cotidiano” (Skliar, 2013, p. 30).

Considerando a hipótese de que mangás contribuem para a formação de diferentes leituras de mundo a partir de suas histórias e personagens, é preciso também considerar que tais representações constroem saberes e valores que estão em constante contato com as formações discursivas de uma determinada época e local. Assim, surge a necessidade de problematizar a forma que os mangás constroem seus personagens surdos e os discursos trazidos por suas narrativas.

Neste sentido, a partir de um lugar que reconhece o mangá como uma pedagogia cultural, busco questionar: *como o mangá mobiliza aprendizagens, sentidos e afetos? De que forma ele se constitui como um lugar de aprendizagem?*

Esse posicionamento abre espaço para novas investigações no campo da Educação que têm o mangá como objeto de estudo. Tomando-o como uma pedagogia cultural, esta pesquisa amplia as discussões sobre a mídia como um dispositivo pedagógico que participa da construção de saberes e subjetividades, em especial no que diz respeito às múltiplas identidades culturais que nos rodeiam e nos constituem.

Desse modo, como objetivo geral, busco interrogar os modos como os mangás *A Voz do Silêncio* (2020) e *Um Sinal de Afeto* (2024) mobilizam discursos que operam nos processos de subjetivação do sujeito surdo. Dentre os diferentes mangás com personagens surdos já publicados, a escolha destes títulos parte da minha própria experiência de leitura. Além disso, ambas as obras foram publicadas oficialmente no Brasil pela editora NewPOP, o que contribui para um acesso mais facilitado. Partindo disso, o objetivo específico é de analisar a construção das personagens Nishimiya Shouko e Yuki Itose, identificando como suas vivências são traçadas e constituem suas identidades surdas.

Para fundamentar esta pesquisa, surge um diálogo com autores que sustentam os Estudos Culturais em Educação (Giroux, 1995; Costa, 2005; Wortmann; Costa; Silveira,

2015), destacando a concepção de cultura estabelecida graças à virada cultural (Hall, 2016; Costa, 2005). O conceito de lugar de aprendizagem proposto por Ellsworth (2005) constitui um dos pilares que transforma a noção de pedagogias culturais (Andrade; Costa, 2017; Costa; Andrade, 2015).

Neste sentido, entende-se o poder dos quadrinhos na constituição de valores e saberes, quebra ou construção de paradigmas, sendo uma importante fonte de leitura de mundo (Paiva, 2017; Silva, 2009; Vergueiro, 2012). Entre eles, os mangás se destacam por suas particularidades narrativas, estéticas e de produção que nos confrontam com diferentes perspectivas. Assim, é fundamental compreender como eles vêm sendo constituídos no contexto brasileiro (Gusman, 2005; Luyten, 2012; Braga Jr., 2020).

Além disso, para além de metanarrativas que colocam o ouvinte em uma posição salvacionista, o foco recai sobre memórias que revelam a trajetória da educação de surdos, a fim de compreender os modos nos quais os surdos têm resistido às tentativas de imposição de uma norma ouvinte (Benvenuto, 2006; Strobel, 2008; Guedes, 2012; Lopes; Veiga-Neto, 2017). Para isso, destaca-se a noção de sujeito a partir da perspectiva de Foucault, conforme Veiga-Neto (2007) e Fischer (2002), enfatizando a mídia como um dispositivo pedagógico. Por fim, é realizado um levantamento dos principais mangás que trazem personagens surdos, a partir de um breve diálogo com Okuyama (2020).

Ao defender a perspectiva do mangá como um artefato cultural, não é possível fechar os olhos para o que torna esta linguagem única e não se beneficiar das suas particularidades de forma simbólica. Neste sentido, é importante contextualizar a divisão estrutural desta dissertação.

Após a publicação de capítulos em revistas no Japão, caso haja popularidade o suficiente, os mangás têm a oportunidade de ser lançados como volumes, compilação encadernada de capítulos que variam de quantidade de acordo com o seu tipo. Nesta dissertação, entretanto, utilizamos o termo *volume* para nomear as seções primárias que estruturam este trabalho de modo teórico e metodológico.

Enquanto isso, as seções secundárias são chamadas de *capítulo*, pois constituem-se como momentos que dão vida e contexto ao volume. Cada capítulo é um recorte da totalidade da obra, um pedaço da narrativa que só faz sentido quando é lido em conjunto com os outros, mesmo que ele tenha início, meio e fim por si só. Da mesma forma, quando necessário, os *extras* surgem para dar mais detalhes e riqueza ao conjunto de capítulos, sendo neste caso as seções terciárias.

Desse modo, esta dissertação se organiza em três volumes. No primeiro volume, a pesquisa é situada dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), realizando um levantamento de caminhos percorridos por outros pesquisadores acerca do sujeito surdo. Além disso, analisa-se a presença das histórias em quadrinhos como objeto de estudo em diferentes programas da universidade. Partindo disso, há um diálogo com as discussões teóricas que sustentam esta pesquisa, atravessando conceitos e discussões dos autores anteriormente citados, conectando-os também aos nossos pressupostos.

No segundo volume, o percurso metodológico é apresentado a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, trazendo reflexões sobre as escolhas feitas durante a construção da pesquisa. Além disso, são caracterizados os mangás selecionados para análise, destacando aspectos relevantes de sua produção e distribuição no Brasil.

Por fim, o terceiro volume se volta para o objetivo específico desta pesquisa de analisar a construção das personagens surdas nos mangás escolhidos. Aproximando-se de discussões inspiradas em Foucault, mobilizadas por autoras e autores ao longo das últimas décadas (Fischer, 2002; 2003; Veiga-Neto, 2004; 2007), são evidenciados certos enunciados que operam dentro de formações discursivas articuladas aos diferentes discursos sobre o sujeito surdo. Nesse momento, há um diálogo com autores e autoras dos Estudos Surdos, surdos e ouvintes, evidenciando como tais práticas presentes nos mangás se conectam com discussões trazidas por eles.

Nas considerações finais, retorno às discussões apresentadas ao longo do trabalho, contextualizando o objeto de estudo e os resultados alcançados. Desse modo, destaco o que a análise evidencia sobre o papel dos mangás como pedagogias culturais que nos provocam e desafiam a confrontar diferentes realidades que estão em constante interação conosco. Da mesma forma, sinalizo a abertura para novos fazeres de pesquisa que se debrucem e articulem não só os mangás, mas outros artefatos culturais aos Estudos Surdos, a fim de compreender e problematizar representações ouvintistas.

Ao longo desta trajetória, reafirmamos a ideia de cultura como diversa, plural, atravessada por múltiplas camadas, não só pela escolha do objeto, mas também pelos diálogos estabelecidos com a cultura nipônica, a cultura surda, a cultura de mídia. Afinal, a cultura permeia toda a nossa vida em sociedade, produzindo e negociando sentidos. Diante dessa pluralidade, informo a presença de um glossário ao final deste trabalho, com o intuito de tornar acessíveis termos em outras línguas, em especial aqueles em japonês e relacionados ao universo do mangá, os quais podem não ser familiares a quem se aventura na leitura desta pesquisa.

Desse modo, é a partir dessa travessia entre culturas que esta pesquisa se propõe a escutar vozes historicamente silenciadas, tomando o mangá como um lugar capaz de nos fazer apropriar, problematizar e desnaturalizar determinados discursos sobre o surdo. Com isso, busca-se abrir caminhos para que sinais de afeto surjam como formas de resistência àquilo que tenta fixar e silenciar identidades plurais e em constante movimento.



**VOLUME I: POR TRÁS DOS TRAÇOS, O CONTORNO**

---

## VOLUME I: POR TRÁS DOS TRAÇOS, O CONTORNO

Antes de darmos início ao processo teórico-metodológico que fundamenta esta pesquisa, é importante dialogar com pesquisas que se aproximam da nossa temática. Para isso, foi selecionado o repositório digital da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Atena, para identificar pesquisas que têm como foco o sujeito surdo. Uma aproximação geográfica e temporal foi necessária para facilitar o acesso às pesquisas que se relacionam com a temática deste trabalho. Sendo assim, foram identificados trabalhos realizados nos últimos cinco anos no PPGEDU.

No entanto, ainda que se reconheça a proximidade e a relevância das pesquisas encontradas para os caminhos que traçado nesta dissertação, para respeitar a densidade dessas produções e evidenciar o campo no qual esta pesquisa se insere, opto por organizá-las em quadros, destacando estudos que dialogam com as questões que mobilizam este trabalho e que sustentam a importância do percurso que proponho construir.

Até junho de 2025, o programa desenvolveu um total de sete trabalhos acadêmicos que abordam o sujeito surdo, explorando questões relacionadas à sua inclusão, identidade cultural, práticas pedagógicas e experiências no contexto educacional, como demonstra o quadro abaixo.

**Quadro 1 — Pesquisas do programa de pós-graduação em Educação sobre o Surdo**

Autor(es)	Título	Tipo	Ano
RIBEIRO, Ernani Nunes	Retratos de um professor universitário surdo : experiências frente os paradoxos da inclusão/excludente educacional	Doutorado	2020
CARDOSO, Antonio Carlos	Políticas de ações afirmativas para promoção da acessibilidade comunicacional na UFPE : experiências de professores surdos do campus Recife	Mestrado	2022
RAMOS, Anderson Rodrigues	Adaptação transcultural da versão brasileira da escala de medida de resiliência juvenil (CYRM-19BR) para a libras	Mestrado	2022
BARROS, Rafaela de Alcântara	Experiências educativas de pessoas negras surdas e construção de identidades	Mestrado	2023
DIODATO, José Roniero	Repercussões das políticas de inclusão na educação de surdos : vozes que ecoam em silêncio	Mestrado	2023

PIZZOLATTO, Vitor Augusto	Experiências e práticas de ensino e aprendizagem em ciências e biologia : o professor, o TILS e o estudante surdo, três sujeitos, três narrativas e um enredo, a pandemia do COVID-19	Mestrado	2024
LIMA JÚNIOR, José Armor de	Protagonismo do professor surdo nas políticas da UFPE	Mestrado	2024

**Fonte:** Autoria própria (2025)

A partir de diferentes enfoques, as pesquisas discutem experiências relacionadas ao sujeito surdo nas esferas acadêmica, pessoal e profissional. Neste sentido, as experiências de professores surdos tem um grande destaque. A tese de Ribeiro (2020), por exemplo, traz uma análise sobre as vivências de inclusão e exclusão de sujeitos surdos, a partir das memórias de um professor surdo da UFPE.

Ribeiro (2020) adota a história oral para capturar as experiências educacionais de Cardoso. As discussões do autor indicam que pessoas com deficiência sofrem uma dupla exclusão: além da sua deficiência, costumam pertencer a classes menos favorecidas, o que somada à barreiras atitudinais, negam o acesso aos bens sociais. As narrativas apresentadas destacam as contradições da "inclusão excludente" na educação de pessoas surdas.

Da mesma forma, a dissertação de Cardoso (2022) investiga as políticas de ações afirmativas voltadas para a promoção da acessibilidade comunicacional na UFPE, com foco nas experiências de professores surdos no campus Recife. Cardoso destaca a necessidade de reavaliar a acessibilidade comunicacional na demanda por serviços de interpretação em diversos setores, como eventos, salas de aula e reuniões. Além disso, aponta para a importância de tornar os veículos de comunicação da UFPE mais acessíveis, incluindo o site oficial, redes sociais e vídeos institucionais.

É interessante destacar que Cardoso (2022) é o professor que compartilha suas vivências na tese de Ribeiro (2020), ponto que ele mesmo evidencia com orgulho em sua própria dissertação. Com isso, temos uma pessoa surda em destaque não só como sujeito de estudo, mas também como alguém que constrói saberes dentro da universidade. Da mesma forma, os desafios enunciados pelos participantes da sua pesquisa reverberam sua própria vivência: o enfrentamento da escrita em língua portuguesa, língua que se apresenta como segunda língua.

Enquanto isso, a pesquisa de Ramos (2022) contribui para o campo da educação ao operacionalizar conceitos de promoção de resiliência e enfrentamento de processos de

exclusão socioeducacional pela juventude surda, tendo destaque na adaptação da Escala CYRM-19BR para a Libras.

Já a dissertação de Barros (2023) investiga como as experiências educativas influenciam a construção identitária de estudantes negros surdos na UFPE. Os resultados indicam que questões raciais são marginalizadas no processo educativo desses estudantes, emergindo apenas em momentos pontuais, como disciplinas específicas ou eventos relacionados ao mês da consciência negra.

Com isso, a autora conclui que esse tipo de trabalho fragmentado não contribui para a construção de uma imagem positiva da identidade negra. Por outro lado, aspectos relacionados à surdez são mais abordados e desenvolvidos, evidenciando uma construção identitária desigual, na qual a surdez recebe maior destaque e aprofundamento em comparação à negritude.

Diodato (2023) estabelece uma análise sociopolítica das práticas de inclusão no contexto de duas escolas da rede estadual do Recife. Para isso, o autor, a partir de uma perspectiva que não enxerga a surdez como uma falta, buscou ouvir as vozes silenciadas de estudantes surdos das instituições e compreender os aspectos marcantes das suas trajetórias. Os resultados encontrados destacam a importância de se repensar as políticas de inclusão e possibilitar a inserção do surdo no contexto da educação bilíngue, considerando-a como capaz de eliminar barreiras educacionais.

Já o estudo de Pizzolatto (2024) destaca que os desafios enfrentados por educadores, TILS e estudantes surdos durante a pandemia não foram fenômenos novos, mas refletem vulnerabilidades e desigualdades preexistentes na inclusão de estudantes. Mas a suspensão temporária das atividades presenciais tornou essas questões mais pronunciadas, ressaltando a necessidade de políticas e práticas educativas mais inclusivas e adaptadas às necessidades específicas dos estudantes surdos.

Lima Júnior (2024), baseando-se nos Estudos Surdos, destaca a importância de políticas institucionais que contribuem para a formação continuada de professores surdos, considerando suas especificidades linguísticas e culturais, bem como as lacunas formativas desde a educação básica até o ensino superior. Além disso, enfatiza-se a valorização da percepção do professor surdo como componente essencial na constituição, implementação e avaliação de ações relacionadas às políticas educacionais na instituição.

Diante deste panorama apresentado, observa-se um grande esforço das pesquisas em dar visibilidade às experiências de sujeitos surdos em espaços educacionais, ressaltando suas trajetórias, resistências e formas de participação na produção de saberes no contexto

universitário. Em contrapartida, articulações entre vivências surdas e manifestações culturais e midiáticas ainda ocupam uma posição pouco visibilizada nas discussões acadêmicas.

Nesse sentido, esta dissertação propõe-se a lançar um olhar sobre o processo de subjetivação do sujeito surdo por meio da análise de mangás, partindo do pressuposto de que essas narrativas se constituem como lugares de aprendizagem. Busca-se, assim, ampliar o campo de investigação para além da sala de aula, dando atenção às narrativas encontradas em histórias em quadrinhos.

Tendo isto em mente, foi realizada uma busca no mesmo repositório, considerando também os últimos cinco anos de produção. Observa-se que, no âmbito do PPGEDU, as histórias em quadrinhos não foram exploradas como foco e investigação. No entanto, outros programas de pós-graduação da universidade têm contribuído para o aprofundamento dos estudos sobre os quadrinhos no campo educacional, conforme sistematizado no quadro a seguir.

**Quadro 2 — Quadrinhos como objeto de estudo em dissertações e teses da UFPE**

Autor(es)	Título	Programa	Ano
CUNHA, José Osvaldo Silva	Tiras cômicas no ensino de ciências : uma proposta didática para a alfabetização científica de professores de ciências da educação básica	Mestrado em Educação em Ciências e Matemática	2020
CASTRO, Iane Isabelle de Oliveira	O uso de comic books como textos multimodais em aulas de Língua Inglesa : estudo de caso com alunos do Ensino Médio Técnico do IFRN (Campus Apodi)	Doutorado em Letras	2020
NASCIMENTO JÚNIOR, Aurino Francisco do	Educação de jovens e adultos em uma cidade educadora : o uso de paradidático em quadrinhos no ensino da história local	Mestrado em Ensino de História	2020
MONTE, Sandra Razana Silva do	O empate ambiental das heroínas do Tejucupapo : ensino por história em quadrinhos	Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais	2020
CASTRO, Estela Carieli de	Multimodalidade nos quadrinhos : uma análise da HQ Vidas Secas	Mestrado em Linguística	2021
VALENÇA, Millena Lyra	“Folhas de narrativa sequestrada” : uma proposta transfeminista para o ensino de História através da HQ Xica Manicongo	Mestrado em Ensino de História	2022
CORREIA, Lindininha da Hora	A história da descoberta do DNA em quadrinhos : apresentação do método científico numa perspectiva histórica e lúdica	Mestrado em Ensino de Biologia	2022

LEITE, Nahara Morais	História em quadrinhos digital : contribuições para o ensino de geometria na formação de professores que ensinam matemática.	Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica	2022
SILVA, Izabela Cristina Bezerra da	Ensino e aprendizagem de estatística nos anos iniciais do ensino fundamental : literatura infantil e história em quadrinhos como recursos pedagógicos.	Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica	2022
SILVA, Any Caroliny Martins da	O uso da ferramenta “história em quadrinhos” no ensino aprendizagem em temáticas socioambientais : um modelo com ecossistema manguezal	Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais	2023
ALMEIDA, Thayse Gomes de	Efetividade de uma intervenção com história em quadrinhos sobre métodos contraceptivos no conhecimento de adolescentes escolares	Doutorado em Enfermagem	2023
OLIVEIRA, Karinny Michelly Silva de	Potencialidades de histórias em quadrinhos e tirinhas para o trabalho com educação financeira no 5º ano do ensino fundamental	Mestrado em Educação em Ciências e Matemática	2023
ALBUQUE RQUE, Daniela Florencio de	A cartilha em quadrinhos como instrumento para uma educação ambiental transformadora em defesa do manguezal	Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais	2023
CANOVA JÚNIOR, Dionson Ferreira	O mangá pela didática da História : as histórias sensíveis e os traumas da Segunda Guerra Mundial a partir de Gen Pés Descalços	Mestrado em História	2024
SILVA, George Antônio Nogueira da	A transcrição metonímica do discurso épico na Ilíada de Homero: tradução em quadrinhos : um olhar intersemiótico	Mestrado em Letras	2024
ALMEIDA, Tayane Ferreira de	Didática da história e arquétipos em quadrinhos de terror : uma análise a partir de “Carniça e a Blindagem Mística”	Mestrado em História	2024
MONTEIRO , Natália da Silva	Sweet tooth e ensino de química : contribuições da Teoria Crítica da Mídia para a alfabetização científica	Mestrado em Educação em Ciências e Matemática	2024

**Fonte:** Autoria própria (2025)

Nesse contexto, há inúmeras possibilidades de utilização das histórias em quadrinhos como ponte para o conhecimento, de forma a ultrapassar a ideia de entretenimento, se inserindo como uma ferramenta no processo educacional. Assim, temáticas como questões ambientais, ensino de História e adaptações de obras literárias estão entre os usos mais

recorrentes, contemplando programas de pós-graduação em História, Matemática, Letras e Enfermagem.

A pesquisa de Canova Júnior (2024) considera o mangá como fonte histórica. O autor se debruça para demonstrar como a narrativa de *Gen Pés Descalços* pode contribuir para o desenvolvimento de uma consciência histórica em sala de aula. Da mesma forma, Almeida (2024) também desenvolve uma pesquisa sobre a Didática da História, investigando o potencial didático do gênero terror para a construção do saber histórico.

O diferencial desta pesquisa está na utilização de tirinhas elaboradas pela própria autora para contextualizar a sua investigação. Dessa forma, há uma integração entre os formatos textual e visual ao longo da sua escrita, o que faz com que percebamos o potencial da linguagem quadrinística na construção de saberes acadêmicos.

Já a dissertação de Silva (2024) investiga o processo de tradução intersemiótica da Ilíada de Homero para o formato em quadrinhos. O autor focaliza a análise dessa tradução intersemiótica, destacando como os elementos tradicionais da epopeia são recriados e reconfigurados para se adequar à linguagem dos quadrinhos. Silva argumenta que, ao ser transposta para esse novo meio, a Ilíada sofre um processo criativo de transcrição que envolve a adaptação das figuras retóricas e da narrativa para um contexto contemporâneo.

Dentro da noção de adaptação, a pesquisa de Castro (2021) também destaca como os recursos semióticos utilizados em *Vidas Secas* contribuem para a transposição de temas da obra literária, criando uma nova forma de experiência narrativa. A autora observa que a adaptação para o formato de quadrinhos exige uma leitura multimodal, na qual elementos como a cor, o quadro e a expressividade dos personagens são usados para transmitir o conteúdo da história e as suas nuances emocionais e simbólicas.

Entre as demais pesquisas encontradas, observa-se uma tendência em abordar os quadrinhos como ferramentas pedagógicas, recursos didáticos ou estratégias de ensino, o que marca uma diferença em relação à perspectiva adotada neste trabalho, que se apoia na noção de que o mangá é uma pedagogia capaz de ensinar por si. Mesmo assim, nota-se que cada uma destas pesquisas reconhece o potencial de aprendizagem dos quadrinhos.

Considerando que dentre as 17 pesquisas encontradas, apenas uma possui o mangá como objeto de estudo, foi realizada uma busca em repositório externo à universidade, em específico no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desta vez utilizando o termo “mangá” como palavra-chave. Assim, também considerou-se pesquisas publicadas nos últimos cinco anos que estivessem relacionadas à educação.

**Quadro 3 — Artigos sobre mangás e educação no portal de periódicos da CAPES**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>
PEREIRA, Gabriela Pereira de; FERREIRA, Maira	Matemática, arte e mangá: a cultura audiovisual em diálogo com as juventudes	2020
SANTO, Janaina de Paula do Espírito; CARNEIRO, Maristela	Cultura histórica, mangá e ensino de história: desaplanando memórias em “O Zero Eterno”	2020
SILVA, Diego Rodrigues da; SILVA, Francisco Vieira da; VILLEGRAS, María Margarita	Uma aventura docente sob meditações afetivas no ensino-aprendizagem: um estudo do mangá <i>Assassination Classroom</i>	2021
PINHO, Milena de Souza Caldas; AMARO, Vitória Muniz; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira	“MANGÁS SURDOS”: uma proposta de elaboração de material didático para o ensino de língua portuguesa para alunos surdos	2022
NAZARENO, Glênio Gomes Nazareno; REISDORFER Grasiele	O uso do mangá como ferramenta de apoio à formação social e intelectual	2022
CARVALHO, Rebecca Moura de Almeida Ferreira; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de	Animes, mangás, psicologia e educação: uma revisão integrativa	2023
SILVA, Lucas de Oliveira da; FERRAZ, Vinícius Gurski; BEDIN, Everton	Mangá Dr. Stone como Estratégia de Atividade Lúdica para o Ensino de Química	2023
LIMA, Elielma de Oliveira; NUNES, Marcus Antonius da Costa	A utilização de mangás para o ensino de leitura: Uma investigação sobre a inserção da literatura japonesa com alunos do ensino básico	2023
LOPES, Fábio Henrique; SOUZA, Alice Cristina S. L. M. de; CUNHA, Elise Marques Freire; MACÊDO, Joci Neuby Alves	O Uso de Mangás como Recurso Didático Para o Ensino de Química	2023
PEREIRA, Gerlany de Fátima dos Santos; PEREIRA, Antonio Marcos de Jesus de Souza; LUZ, Carlos Eduardo de Moura; COSTA, Fábio José Souza; SILVA, Íris Costa Da Silva; LOPES Gerson Anderson de Carvalho	Mangás, animes e ciência: os Cavaleiros do Zodíaco e suas potencialidades para o ensino de ciências da natureza e matemática	2024
SILVA, Vanessa Taumaturgo; SOUZA, Abílio Pachêco de; MOTA, Leila Saraiva	A representação do surdo no mangá <i>Koe no Katachi</i>	2024

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2025)

A partir deste levantamento, tornam-se visíveis produções que acionam o mangá em articulação com reflexões educacionais, a partir de diferentes perspectivas. Um estudo que se destaca pela sensibilidade com que articula teoria e prática é o artigo de Silva, Silva e Villegas (2021), que propõe reflexões sobre a formação e atuação docente a partir das relações entre professor e estudante retratadas no mangá *Assassination Classroom*, de Yusei Matsui. Os autores trazem a narrativa como ponto de discussão sobre questões centrais da docência, como responsabilidade, limites, afetividade e acolhimento.

Entre os demais trabalhos encontrados, os estudos de Silva, Souza e Mota (2024), bem como Pinho, Amaro e Baalbaki (2022), exploram questões relacionadas à surdez, relevantes para esta pesquisa. Estes estudos discutem sobre a representação e a inclusão de pessoas surdas nas narrativas gráficas, como também revelam possibilidades do uso pedagógico do mangá.

O estudo de Silva, Souza e Mota (2024) aborda como o surdo é representado no mangá *A Voz do Silêncio*, analisando como a sociedade japonesa enxerga a questão da surdez. Já a pesquisa de Pinho, Amaro e Baalbaki (2022) se aprofunda nas possibilidades dos mangás enquanto recurso didático, evidenciando como essas histórias podem ser utilizadas para promover o ensino-aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua para surdos. Ao longo deste trabalho, encontra-se também a presença de *A Voz do Silêncio*.

A obra que também constitui o eixo central da presente dissertação, é analisada como possibilidade de mediação linguística, articulando elementos visuais e narrativos que favorecem a compreensão das diferenças linguísticas entre as línguas de sinais. Nesse sentido, o mangá é tomado como um espaço onde se constroem valores, subjetividades e aprendizagens. A partir dessa compreensão, a noção de cultura passa a ser movimentada nas discussões a seguir.

Ao abordar o conceito de cultura, Hall (2016) destaca que durante muito tempo este termo estava associado ao conjunto das grandes realizações intelectuais e artísticas de uma época, denominado alta cultura, representado por expressões como a música erudita, a pintura clássica e a literatura. Do outro lado, estava a cultura de massa; Hall (2016) argumenta que essa divisão hierárquica reflete as relações de poder em que a elite cultural estabelece critérios que distinguem e valorizam certas formas de expressão cultural em detrimento de outras.

No entanto, a cultura passou a ser compreendida sob uma perspectiva antropológica, que engloba as práticas e modos de vida de um determinado povo. Em complemento, a cultura também passou a definir os valores compartilhados de um povo, se aproximando de uma perspectiva sociológica. Essa virada cultural, como discutido por Hall (2016), enfatiza o papel da cultura como campo de produção e negociação de significados.

A cultura, podemos dizer, está envolvida em todas essas práticas que não são geneticamente programadas em nós [...], mas que carregam sentidos e valores para nós, que precisam ser significativamente interpretadas por outros, ou que dependem do sentido para seu efetivo funcionamento. A cultura, desse modo, permeia toda a sociedade. Ela é o que diferencia o elemento “humano” na vida social daquilo que é biologicamente direcionado. Nesse sentido, o estudo da cultura ressalta o papel fundamental do domínio simbólico no centro da vida em sociedade (Hall, 2016, p. 21).

Dessa forma, Costa (2005) denota que os Estudos Culturais expressam uma tentativa de reviravolta em relação ao conceito de cultura antes estabelecido. A cultura, segundo a autora, passa a ser vista como uma forma de vida, englobando toda produção e artefatos culturais do nosso cotidiano.

Em sua flexão plural — culturas — e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido. É assim que podemos nos referir, por exemplo, à cultura de massa, típico produto da indústria cultural ou da sociedade *techno* contemporânea, bem como às culturas juvenis, à cultura surda, à cultura empresarial, ou às culturas indígenas, expressando a diversificação e a singularização que o conceito comporta (Costa, 2005, p. 108).

Compreender a cultura como campo simbólico e de significações também implica repensar a própria educação. Ela não limita ao espaço escolar ou à transmissão de conhecimentos formais; a educação é uma prática social e cultural que envolve os diversos âmbitos da vida cotidiana, contribuindo para a construção de sentidos e constituição de identidades.

Portanto, neste volume, são abordadas as contribuições dos Estudos Culturais para a educação, de modo a romper com a compreensão de que os processos educativos ocorrem apenas dentro dos muros da sala de aula. Da mesma forma, o conceito de pedagogias culturais é discutido, compreendendo a pedagogia para além de um conjunto de habilidades e técnicas neutras, acompanhado da noção de lugar de aprendizagem que destaca como as práticas culturais presentes nesses lugares se tornam momentos significativos de formação, deslocando a educação para múltiplos territórios físicos e emocionais.

Por isso, ao longo deste percurso, reafirmamos o mangá como uma pedagogia cultural, operando como uma pedagogia anômala que desestabiliza fronteiras tradicionais do saber e da educação formal. Para isso, faz-se necessário caracterizá-lo, evidenciando sua presença no contexto brasileiro. Por fim, percorremos a historicidade do sujeito surdo, evidenciando a sua cultura e as práticas de cuidado de si que surgem em sua trajetória. Trazemos exemplos de narrativas em quadrinhos que colocam o sujeito surdo no centro, revelando as formas discursivas e os potenciais que se desdobram em suas representações.

## 1.1 CAPÍTULO 1: ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Os Estudos Culturais surgem em 1964 a partir dos esforços de estudiosos do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos na Universidade de Birmingham, Inglaterra. Obras como *Culture and society*, de Raymond Williams (1958) e *Uses of literacy*, de Richard Hoggart

(1957) foram fundamentais para consolidar esse processo, ao romperem com a noção elitista de cultura como sinônimo de erudição.

Costa (2004) pontua que a maior realização deste campo é a “[...] de celebrar o fim de um elitismo edificado sobre distinções arbitrárias de cultura (Costa, 2004, p. 13).” A autora percorre discussões sobre a influência da análise cultural de Matthew Arnold, que consolidou uma concepção hierárquica de cultura ao posicionar a cultura popular como o oposto da chamada alta cultura.

Costa discorre que a perspectiva arnoldiana serviu de base para as proposições de Frank Raymond Leavis, as quais partiam da ideia de um declínio cultural em curso. O temor daqueles que seguiam as suas ideias resultou na elaboração de um manifesto que propunha a inclusão de um treinamento voltado para a resistência à cultura de massa nos currículos escolares. Segundo Storey (1997 *apud* Costa, 2004), foram as análises de Arnold e Leavis que colocaram a cultura popular em foco, ainda que a representassem como inculta, frívola e superficial.

E é neste momento que as obras de Williams e Hoggart vão tomar uma grande proporção, tomando certa responsabilidade na institucionalização dos Estudos Culturais. Mesmo assim, a autora afirma que Williams evidencia que já havia um movimento ativo desde os anos 1940, em que análises de filmes, músicas, programas de rádio e outras manifestações da cultura popular começaram a emergir. No entanto, essas produções não ocuparam lugar no campo acadêmico pois não circulavam em publicações, permanecendo à margem da legitimação universitária mesmo após o surgimento do Centro de Birmingham.

Desse modo, esse deslocamento teórico proporcionado pelos Estudos Culturais resultou em uma virada importante nas ciências humanas e sociais. Cada vez mais, pesquisas vêm articulando esta vertente nas diversas áreas como a comunicação, a linguística, as artes e sobretudo, a educação. Nas últimas décadas, essa perspectiva tem provocado tensionamentos nas bases tradicionais que permeiam o campo da educação. Em vez de se restringir às estruturas formais da escola, a atenção se volta às dimensões simbólicas, identitárias e discursivas que constituem a vida social, compreendendo estas narrativas como detentoras de processos formativos.

De certa maneira, podemos dizer que os Estudos Culturais em Educação constituem uma ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como *cultura, identidade, discurso e política da representação* passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica (Costa, 2005, p. 115).

No contexto brasileiro, Wortmann, Costa e Silveira (2015) evidenciam que a vinculação dos Estudos Culturais à Educação teve início em meados dos anos 1990. Um marco importante desse processo ocorreu no final de 1996, com a reformulação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Na ocasião, conforme as autoras, houve a substituição das antigas áreas de concentração por linhas de pesquisa, dentre as quais se destacou a criação da linha intitulada “Estudos Culturais em Educação”.

Outro ponto destacado pelas autoras é a publicação da obra *Alienígenas na sala de aula - uma introdução aos Estudos Culturais em educação*, contando com a tradução de textos publicados no livro *Cultural Studies* (Grossberg; Nelson; Treichler, 1992). Dentre os textos reunidos, destaco as contribuições de Henry Giroux e Douglas Kellner, que se baseiam na pedagogia crítica para analisar artefatos da cultura visual, como a publicidade e o cinema.

Desse modo, Giroux (1995) discute a importância da vinculação dos Estudos Culturais à Educação, afirmando que a atenção dada à cultura, ao conhecimento e ao poder causa resistência por parte de educadores tradicionais. Por isso, os Estudos Culturais costumavam ser ignorados por sua postura crítica e ideológica. Segundo o autor, os Estudos Culturais reconhecem a educação como um espaço narrativo privilegiado para determinados sujeitos, ao mesmo tempo em que identificam nela um mecanismo que contribui para a manutenção das desigualdades para outros.

Corporificando formas dominantes de capital cultural, a escolarização frequentemente funciona para afirmar as histórias eurocêntricas e patriarciais, as identidades sociais e as experiências culturais dos/as estudantes de classe média, ao mesmo tempo que marginaliza ou apaga as vozes, as experiências e as memórias culturais do/as assim chamado/as estudantes da “minoría” (Giroux, 1995, p. 86).

Neste sentido, não há como os Estudos Culturais se tornarem centro de interesse para aqueles que se beneficiam das desigualdades imbricadas no processo de escolarização. Para Giroux (1995), eles se dedicam a problematizar questões relacionadas a gênero, classe, sexualidade, identidade, colonialismo, raça e outras instâncias marcadas por relações de poder. Nessa perspectiva, também reafirmam a relevância de compreender a escolarização como um processo político atravessado por relações de poder, negociação e contestação.

Com base nisso, a noção de pedagogia inserida dentro desta perspectiva não se baseia em técnicas e habilidades neutras. Para os Estudos Culturais, “[...] a pedagogia é uma prática cultural que só pode ser compreendida através de questões sobre história, política, poder e cultura. [...]” (Giroux, 1995, p. 87). Sendo assim, a pedagogia é compreendida como um

campo em que discursos e práticas são problematizados e contestados, em vez de aceitos de forma acrítica.

Por esta razão, os estudiosos dos Estudos Culturais voltam-se para a análise dos modos como o conhecimento é produzido, apropriado e ressignificado em diferentes contextos sociais, investigando as dinâmicas de poder e saber que atravessam esses processos. Com isso, recorrer a esta perspectiva para compreender os processos de subjetivação ligados à experiência surda em história em quadrinhos se faz necessário. Afinal,

Ao analisar toda a gama dos lugares diversificados e densamente estratificados de aprendizagem, tais como a mídia, a cultura popular, o cinema, a publicidade, as comunicações de massa e as organizações religiosas, entre outras, os Estudos Culturais ampliam nossa compreensão do pedagógico e do seu papel fora da escola como o local tradicional de aprendizagem (Giroux, 1995, p. 90).

Neste trecho, nota-se a utilização de “lugar de aprendizagem”, noção que, nos anos seguintes, seria aprofundada e articulada de forma mais sistemática por Ellsworth (2005), embora já existissem contribuições teóricas anteriores que prepararam o terreno para sua consolidação. A autora propõe uma compreensão de aprendizagem que ultrapassa os limites tradicionais da sala de aula, valorizando espaços e experiências como fonte de aprendizagens.

Partindo disso, Giroux (1995) defende a necessidade de ampliar a base teórica das universidades voltadas para a formação de professores, propondo os Estudos Culturais como uma ponte para o fortalecimento do debate nesse campo. Acerca da formação dos professores, o autor afirma que “[...] os/as futuros/as professores/as e os/as atuais precisam ser educados/as sobre a viabilidade de se desenvolver uma aprendizagem baseada no contexto e que leve em conta as experiências dos/as estudantes e suas relações com a cultura popular e o terreno do prazer” (Giroux, 1995, p. 98).

Seja o cinema, a publicidade, a televisão, as redes sociais ou os quadrinhos, os diferentes artefatos culturais ressignificam as vivências dos sujeitos. Ao circular entre esses lugares, os sujeitos são atravessados por discursos que produzem modos de ver, sentir e se posicionar. Esses lugares não estão à margem da educação, mas fazem parte de um campo extenso de práticas pedagógicas que desafiam a centralidade da escola como único lugar legítimo de produção de saber/sentir.

Os produtos culturais não só entretêm, mas oferecem narrativas, discursos e representações que contribuem para os processos de subjetivação daqueles que são interpelados por eles. São lugares nos quais circulam valores sociais, conflitos identitários, disputas de sentido e formas de resistência às normatividades impostas.

Assim, compreender os artefatos culturais como lugares de aprendizagem implica deslocar a prática pedagógica para além das práticas institucionalizadas, reconhecendo os modos pelos quais os sujeitos se formam em meio a linguagens, imagens e narrativas que os interpelam. Nesse deslocamento, abre-se espaço para questionar como diferentes grupos encontram na cultura de mídia oportunidades de afirmação identitária e produção de subjetividades. É nesse entrecruzamento entre cultura e educação que esta pesquisa se inscreve.

### **1.1.1 Extra: Que Lugar é Esse?**

Dentro do campo dos Estudos Culturais e Educação, o conceito de pedagogias culturais emerge como uma forma de compreender os processos educativos que ocorrem fora dos espaços escolares, atravessando práticas midiáticas, artísticas e cotidianas. Andrade e Costa (2017) denotam que Elizabeth Ellsworth (2005) constrói um terreno fértil para a consolidação do conceito de *pedagogias culturais* ao evidenciar como diferentes lugares funcionam como artefatos culturais que provocam experiências multissensoriais e mobilizam aprendizagens, afetando o conhecimento em construção do sujeito.

[...] a autora discute como a mídia, os museus e a arquitetura acionam uma pedagogia que produz efeitos na construção do *self*, na “autoaprendizagem” de cada sujeito. Segundo ela, a pedagogia desses lugares provoca nos sujeitos movimentos, sensações e efeitos que fazem com que seus corpos e mentes realizem aprendizagens tanto em relação a si mesmos, quanto em relação aos outros e ao mundo (Andrade; Costa, 2017, p. 6).

Segundo as autoras, é essa centralidade atribuída à pedagogia que possibilita a emergência de sua adjetivação como cultural, impulsionando um avanço nos debates sobre sua relação com os múltiplos espaços onde a cultura atua como produtora de conhecimento. Além de Ellsworth, Andrade e Costa (2017) também destacam as contribuições de Henry Giroux, David Trend, Shirley Steinberg e Joe Kincheloe como fundamentais para a consolidação do conceito. Para elas, Steinberg e Kincheloe desempenharam um papel decisivo na difusão desse conceito no Brasil por meio de suas produções teóricas.

Assim, ao realizarem um levantamento bibliográfico sobre o uso do conceito em teses e dissertações, Costa e Andrade (2015) identificam três vertentes recorrentes nas abordagens das pesquisas. Em primeiro lugar, as autoras identificaram pesquisas que tratam da representação como elemento central de análise, destacando como diferentes artefatos culturais constroem padrões e modelos considerados desejáveis, educando os sujeitos a partir desses referenciais.

Em segundo lugar, há uma vertente que estabelece uma relação entre mídia e consumo, em que os estudos analisam as estratégias utilizadas pelos artefatos para estimular o consumo entre crianças e adolescentes. Nesse contexto, produtos como brinquedos, CDs e quadrinhos compõem um universo midiático que interpela os sujeitos ao consumo. Por fim, a terceira vertente se aproxima dos estudos foucaultianos, reunindo pesquisas que articulam pedagogias culturais e cuidado de si. Nessa abordagem, a mídia é entendida como parte das práticas de produção de subjetividades, ligadas a técnicas de si e às formas pelas quais os sujeitos se constituem.

Dessa forma, convém trazer a noção de lugar de aprendizagem discutida por Ellsworth (2005), a fim de posicionar a leitura do mangá como uma pedagogia que provoca deslocamentos, instabilidades e movimentos na relação do sujeito com os sentidos que atravessam a narrativa. Nesse percurso, o leitor transita entre diferentes universos simbólicos, sendo afetado por experiências que o convocam a repensar o que sabe, o que sente e o modo como se relaciona consigo e com os outros.

Ellsworth (2005) toma a arquitetura e a mídia como lugares capazes de moldar experiências e transformar o conhecimento em construção para além de práticas e discursos educacionais tradicionais e dominantes. Com base nisso, ela designa esses lugares como pedagogias anômalas, as quais são caracterizadas por sua capacidade de fugir das práticas educacionais centradas nos objetivos curriculares e resultados mensuráveis. Em vez disso, elas orbitam em caminhos elípticos, explorando possibilidades que muitas vezes escapam à gravidade dos discursos dominantes na educação.

A autora descreve esses espaços como dinâmicos e experimentais, pois eles podem integrar elementos arquitetônicos, midiáticos e artísticos que estimulam processos de aprendizagem não lineares. Assim, ao invés de focar na transmissão de conhecimento formal, tais lugares provocam movimentos, sensações e experiências que ampliam o entendimento e a percepção daqueles que estão abertos ao aprendizado.

Desse modo, essas pedagogias anômalas deslocam o aprendizado para uma interação entre o sujeito e o ambiente. Ao fazer isso, elas questionam e ampliam as fronteiras do que pode ser considerado pedagógico, abrindo espaço para pedagogias ainda não realizadas. Dentre os autores e conceitos abordados por Ellsworth, o conceito de espaço transicional do psicanalista Donald Woods Winnicott surge com grande peso. Também chamado de fenômeno ou objeto, Winnicott introduziu este conceito a partir de suas observações de crianças em seu processo de separação e individuação, principalmente no contexto de suas interações com a mãe e com objetos afetivos. Com isso, Ellsworth destaca que:

Um objeto transicional torna-se pedagógico quando o utilizamos para descobrir, trabalhar e brincar de forma criativa nos nossos próprios limites como integrantes do mundo. Como pontos de articulação pedagógicos, os objetos transicionais são simultaneamente reais e imaginários. Eles ocupam um espaço real, pois são objetos encontrados e apresentados do exterior. Ao mesmo tempo, os objetos transicionais operam em um espaço intermediário de ilusão, cultura e imaginação. Como objetos materiais no mundo, eles ocupam um espaço físico, mas ao serem transformados em objetos transicionais pelo seu uso, deslocam-se para o espaço virtual entre realidades internas e externas, um espaço que é ao mesmo tempo preenchido pela presença do objeto transicional e vazio dele (Ellsworth, 2005, p. 78, tradução própria).<sup>1</sup>

Dessa forma, o espaço transicional é caracterizado pela sua mescla com ilusão, cultura e imaginação, elementos que possibilitam a sua transformação em potencialidade pedagógica. Segundo a autora, é nesse espaço intermediário que ele adquire a capacidade de mediar experiências, permitindo aos sujeitos explorar suas próprias fronteiras internas e externas e redescobrir a relação entre o real e o imaginário.

Ora, assim como os lugares de aprendizagem discutidos por Ellsworth, o mangá pode ser compreendido como um objeto transicional; um espaço de mediação entre a realidade do leitor e os mundos simbólicos construídos pelas narrativas. Essa mediação provoca sensações e mobiliza aprendizagens que afetam o sujeito de diferentes maneiras. É nesse sentido que situo minha própria relação com os mangás selecionados nesta pesquisa. A leitura de *A Voz do Silêncio* foi o que primeiro me confrontou com as vivências surdas, com a importância da inclusão e a multiplicidade das línguas de sinais. Mas é importante repensar: que discursos sobre o sujeito surdo e a diferença atravessam essas narrativas? Quais são os modos de subjetivação envolvidos na construção das personagens surdas? Que sentidos são produzidos por meio da trama?

## 1.2 CAPÍTULO 2: NARRATIVAS QUE ECOAM

No percurso das histórias em quadrinhos, elas se destacam pela habilidade de capturar reflexos vívidos da sociedade em que são concebidas, ao mesmo tempo em que desempenham um papel na construção e desconstrução de paradigmas recorrentes. Elas podem refletir os valores, as preocupações e as dinâmicas sociais de uma determinada época. Temos como exemplo as charges e quadrinhos de Angelo Agostini (1843 - 1910) — cartunista considerado

---

<sup>1</sup> A transitional object becomes pedagogical when we use it to discover and creatively work and play at our own limits as participants in the world. As pedagogical pivot places, transitional objects are both real and imagined. They occupy real space because they are found objects presented from the outside. At the same time, transitional objects operate in an intermediate space of illusion, culture, and imagination. As material objects in the world they occupy physical space, but as they are made transitional in their use they move into the virtual space between inner realities and outer realities, and that space is both filled by the presence of a transitional object and void of it (Ellsworth, 2005, p. 78).

o criador do primeiro quadrinho brasileiro —, as quais contribuíram na difusão de críticas ao regime e à escravidão no Brasil, permitindo que pessoas que não sabiam ler, pudessem ter acesso à realidade da época (Modenesi, 2015 *apud* Paiva, 2017).

Da mesma forma, durante a Ditadura Militar, quadrinhos e charges atuaram como ferramentas de contestação, encontrando brechas para driblar a censura, questionar posicionamentos oficiais e provocar reflexões críticas sobre a ordem social vigente. Dessa forma, podemos constatar que a nona arte tem um papel significativo na constituição de ideias, preconceitos, reflexões. Assim como outros meios de comunicação, os quadrinhos possuem o poder de influenciar práticas sociais, como também podem questionar uma ordem social vigente.

Paiva (2017) afirma que elas são uma fonte rica de conhecimento, abordando temas variados, históricos e atuais com uma linguagem fácil e acessível. O pesquisador indica que a busca pelos quadrinhos não é inicialmente por conhecimento, mas por entretenimento, o que faz com que a sua procura seja de forma espontânea, buscando elementos que fazem parte de seu sistema de valores e saberes.

Essa perspectiva também é apontada por Silva (2009) ao considerar os quadrinhos como uma importante fonte de conhecimento e leitura de mundo, possibilitando o debate sobre vários assuntos dentro e fora dos espaços escolares. Para ela, a relação entre texto e imagem torna-se um poderoso instrumento de comunicação.

Vergueiro (2012) evidencia que os quadrinhos com a função de transmissão de conhecimento já eram uma corrente no meio quadrinístico. Revistas como *True Comics*, *Real Life Comics*, *Real Facts Comics* eram lançadas nos Estados Unidos na década de 1940 e possuíam caráter educativo, trazendo antologia de histórias sobre personalidades e eventos históricos.

Mesmo quando não intencionados para fins educativos, os quadrinhos podem ser mobilizados em práticas escolares, embora exijam maior cuidado dos professores. Sobre isso, Santos e Vergueiro constatam que “É necessária uma triagem do material, separando o que é apropriado às diferentes faixas etárias ou que contém informações relevantes” (Vergueiro, 2012, p. 93).

No Japão, os mangás são publicados em revistas direcionadas a diferentes públicos-alvo e essa segmentação influencia os estilos, os temas e as narrativas presentes nas obras. Por exemplo, o *shoujo* surge como uma categoria editorial voltada ao público jovem feminino, frequentemente associada a enredos que exploram relações amorosas e afetos. Já o

*shounen*, destinado editorialmente ao público jovem masculino, tende a priorizar histórias que envolvem ação, aventura e desafios.

Devido a essa distinção entre as narrativas, é comum o uso dos termos *shoujo* e *shounen* de forma intercambiável para se referir a mangás de romance e aventura, respectivamente, como se fossem sinônimos de gênero narrativo. Contudo, é fundamental ressaltar que esse tipo de categorização não se refere ao gênero das histórias. Dessa forma, nem todo mangá de romance se enquadraria como *shoujo*, assim como nem toda obra de aventura pode ser considerada *shounen*.

Nesse contexto, é cada vez mais evidente a difusão de narrativas românticas em revistas *shounen*. Um exemplo recente é a popularização de *Blue Box*, uma série publicada na *Weekly Shounen Jump* que combina elementos de esporte e romance, ampliando o leque temático das histórias categorizadas como *shounen*. Por isso, Johnson-Woods (2010) destaca que é quase sem sentido tentar descrever os gêneros do mangá, pois para cada um deles, haverá narrativas que fogem da regra.

Dessa forma, é importante reconhecer que, embora os termos remetam a categorias editoriais baseadas em gêneros no Japão, essa lógica não se aplica ao contexto brasileiro. Tais classificações não operam como marcadores rígidos de público, funcionando como categorias de estilo, estética e narrativa do que como segmentação de gênero. Mesmo assim, busca-se sintetizar as principais demografias dos mangás a partir do quadro abaixo, para maior compreensão.

**Quadro 4 — Demografia de mangás no mercado editorial japonês**

Demografia	Descrição	Exemplos
Shounen	Publicados em revistas voltadas a garotos adolescentes. Histórias de aventura, ação, amizade e superação são recorrentes.	Naruto, One Piece, My Hero Academia
Shoujo	Publicados em revistas voltadas a garotas adolescentes. Romance, amadurecimento, relações interpessoais são temas recorrentes.	Fruits Basket, Sailor Moon, Ao Haru Ride
Seinen	Voltados ao público de homens adultos. Envolve violência, política, existencialismo, sexualidade.	Sangatsu no Lion, Berserk, Tokyo Ghoul
Josei	Voltados ao público de mulheres adultas. Vida cotidiana, trabalho, relações adultas são recorrentes.	Paradise Kiss, Honey and Clover, Perfect World

**Fonte:** Autoria própria (2025)

Para além dessas demografias, também existem certas classificações que extrapolam a lógica estrita do público-alvo. Desse fato, emergem subcategorias como *boys' love* e *girls' love*, que articulam narrativas centradas na tematização da sexualidade, nas relações homoafetivas, podendo atravessar diferentes demografias.

Para Johnson-Woods (2010), a leitura de um mangá por um leitor iniciante pode ser um desafio intelectual, visual e textual, pois acompanhar uma narrativa por meio de um modo de leitura desconhecido e pistas visuais limitadas pode confundir o leitor. No entanto, uma vez que se domina os mangás, a experiência de leitura se torna enriquecedora.

Afinal, esse estranhamento inicial faz parte da experiência estética que os mangás proporcionam. A direção de leitura da direita para a esquerda, os enquadramentos não lineares, as expressões faciais exageradas, o tamanho dos olhos, a presença constante de onomatopeias que se tornam parte da história, todos esses aspectos operam como elementos narrativos que transformam a experiência visual da leitura.

No contexto brasileiro, os mangás ocupam de forma expressiva as estantes das livrarias, consolidando-se como carro-chefe de editoras como JBC, Panini, Newpop e Pipoca & Nanquim. De acordo com Luyten (2012), a chegada do mangá no Brasil esteve diretamente ligada à tentativa de preservar a cultura japonesa entre imigrantes e seus descendentes.

Os 781 imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil em 1980 não tinham mais perspectiva de retorno ao Japão, por isso, o mangá passou a ser um elo importante para a manutenção da língua, servindo como um meio educativo que possibilitava o contato com expressões, gírias e referências culturais do país de origem. Assim, o mangá tornou-se uma ferramenta para minimizar o distanciamento cultural e a fortalecer a identidade dos imigrantes em solo brasileiro (Luyten, 2012).

No entanto, Braga Jr. (2020) destaca que, embora a influência da comunidade japonesa no Brasil tenha começado por volta da década de 1910, os mangás só passaram a ser publicados em seu formato original, com a leitura invertida, nos primeiros anos do século XXI. A presença do *tokusatsu* e dos animes na rede televisiva traçou o caminho para que houvesse aceitação da estética japonesa, a qual garantiu o sucesso dos mangás.

Luyten (2012) também ressalta a relevância dos artistas nipo-brasileiros no processo de criação e disseminação de quadrinhos no contexto nacional. Esses artistas se apropriaram de elementos característicos dos mangás, com narrativas que remetem ao universo dos samurais, ninjas e tradições japonesas. Exemplos expressivos são os trabalhos de Júlio Shimamoto, Paulo Fukue e Cláudio Seto.

Este momento de produção de mangás brasileiros é caracterizado por Braga Jr. (2020) como o primeiro grande impacto social do mangá no Brasil. A partir dessa produção, desencadearam-se ondas de criação e divulgação. O grande boom dos mangás nacionais ocorreu entre os anos de 2000 e 2005.

Mas é certo que a adaptação dos mangás japoneses para a televisão, por meio dos animes e sua ampla circulação no país, atuaram de forma crucial para a popularização dessas narrativas no Brasil entre as décadas de 1990 e 2000, em especial graças à exibição de *Cavaleiros do Zodíaco*. A exibição de animes em canais abertos instaurou um espaço de difusão cultural cujas histórias continuam a ressoar de forma marcante na memória de quem viveu sua infância e adolescência nesse período.

Assistir a *Zatch Bell!* antes de ir à escola ultrapassou a ideia de ser uma simples rotina, tornando-se uma experiência de contato inicial com a cultura pop japonesa. Esse encontro despertou em mim um interesse mais profundo, que me levou a buscar a leitura dos mangás, ampliando assim minha relação com essas narrativas para além da televisão. Tal como nos lugares de aprendizagem analisados por Ellsworth (2005), a pedagogia que emerge da leitura do mangá funciona como uma dobradiça entre o real e o imaginário, produzindo efeitos formativos que mobilizam corpo, mente e afeto na construção contínua do *self*.

Nas palavras da autora, a pedagogia não precisa encontrar sujeitos para ensinar. A pedagogia se estrutura por meio de práticas comunicativas indiretas, as quais fogem da transmissão linear de conteúdos, normas ou verdades fixas (Ellsworth, 2005, p. 168). São práticas que não se ocupam de nomear, classificar ou fixar sentidos, mas que atuam de maneira sensível, colocando o sujeito em relação com saberes que estão sempre em movimento, em processo de criação e reinvenção.

Em uma breve análise realizada por Gusman (2005), entende-se a razão pela qual o mangá é considerado um dos principais formadores de leitores de quadrinhos no contexto brasileiro. Para o autor, a razão está no fato de que as histórias japonesas têm um fim, diferente dos quadrinhos norte-americanos em que as histórias se constituem e entrelaçam por diferentes épocas, linhas do tempo e universos.

Além disso, existe um nível de fidelidade nas adaptações de mangás para a televisão que não são vistas em filmes da Marvel ou DC. Por exemplo,

[...] nos Estados Unidos, uma pessoa que não lê quadrinhos vai ao cinema e gosta do Homem-Aranha. Isso faz com que ela se interesse em comprar o gibi, mas quando o faz descobre que as histórias são totalmente diferentes, porque o filme mostra a origem do personagem e a revista conta as aventuras em cada página há quase quatro décadas (Gusman, 2005, p. 80).

Também há uma preocupação maior em tornar os personagens mais próximos da realidade, capazes de se tornar espelhos das nossas vidas. Por esta razão, Luyten (2012) os considera como um espaço de fuga e encontro da realidade. Para a pesquisadora, os heróis do mangá são concebidos a partir do mundo real, fazendo com que os leitores encontrem uma espécie de miniatura de suas vidas, além de vivenciar fantasias que os fazem esquecer das repressões sociais diárias.

Diante desse percurso, torna-se possível compreender como o mangá se constitui como um fenômeno cultural, mostrando-se também como um campo fértil de produção de sentidos. As histórias, personagens e conflitos mobilizam afetos, despertam identificações e tensionam leituras de mundo, realizando práticas que ensinam sem parecer ensinar. Ao ocupar um espaço entre o entretenimento e conhecimento, o mangá reafirma sua força como pedagogia cultural que atravessa sujeitos.

### 1.3 CAPÍTULO 3: SUJEITOS SURDOS, TRAJETÓRIAS DE SI

Reconhecer a trajetória dos surdos é reconhecer os caminhos traçados por disputas, silenciamentos e conquistas que atravessaram sua constituição histórica. Mais do que dar lugar às metanarrativas e reconstituir uma totalidade histórica, o que se propõe aqui é refletir sobre as marcas deixadas na memória, compreendendo-as como presenças que ainda ressoam e ajudam a entender os discursos que tentam fixá-los.

Mesmo assim, é importante destacar que ao longo da história, a surdez foi sendo concebida de diferentes maneiras, o que também influenciava a forma que o sujeito surdo era objetivado em discursos médicos, educacionais e sociais. O contexto europeu possui grande influência na forma que a educação de surdos foi se estabelecendo no Brasil. Na Antiguidade e Idade Média, a surdez era associada à incapacidade intelectual; a ausência da fala era entendida como ausência de razão, o que justificava a negação de direitos básicos, como o acesso à educação, à vida religiosa e à participação social.

A partir do Renascimento, emergem as primeiras tentativas de educação de surdos, voltadas àqueles de família nobre. Através do monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520-1584), surdos começaram a se reunir no Monastério de Onã, o que deu início a uma partilha de sinais caseiros e uma comunicação possível através da visualidade (Guedes, 2012). Para Guedes (2012), esse momento estabeleceu uma relação de identificação com a vivência de experiências visuais.

No entanto, foi no século XVIII, a partir da fundação da Instituição Imperial Escolar na França que a educação pública para surdos começou a ser consolidada, de acordo com a proposta educacional do abade Charles-Michel de L'Epée, o qual introduziu o uso da língua de sinais como ferramenta pedagógica. Neste momento, embora reconhecida como meio de comunicação e ensino, a língua de sinais não era entendida como uma língua plena, mas como um instrumento de transição para a linguagem escrita.

Segundo Guedes (2012), o uso da língua de sinais visava facilitar a alfabetização e demonstrar que os surdos eram capazes de aprender, ainda que por memorização mecânica. Assim, o uso da língua de sinais se justificava por sua utilidade em atestar a capacidade cognitiva dos surdos dentro de parâmetros normativos da época.

Após a Revolução Francesa, o Estado assumiu a responsabilidade pela educação, o que causou uma mudança significativa nas prioridades em relação ao ensino de surdos. A língua de sinais passou a ser desvalorizada, enquanto a fala se tornou central para a formação cidadã. Este momento também marca o início de projetos voltados à correção da surdez, inicialmente a partir da ortopedia.

Uma das mudanças na concepção do sujeito surdo foi a crescente medicalização da surdez, que trouxe consigo diversas tentativas de correção e normalização. Nesse contexto, como aponta Benvenuto (2006), em 1800 o Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris nomeou seu primeiro médico-chefe, Jean Marc Gaspard Itard, iniciando uma fase em que a surdez passa a ser tratada como uma condição patológica a ser superada através de intervenções médicas.

“Ao longo do século XIX todo tipo de próteses auditivas foram inventadas: cornetas, chapéus, lentes e poltronas acústicas, seguidos no século XX pelas primeiras próteses elétricas, visando fazer com que o surdo entre, por fim, no mundo sonoro” (Benvenuto, 2006, p. 239). Ao mesmo tempo, técnicas de oralização começam a ser desenvolvidas, a fim de encaixar o sujeito o mais próximo possível da norma ouvinte. O Congresso de Milão em 1880 marca o momento de proibição da língua de sinais, fortalecendo o oralismo.

Nos primeiros anos desse século, os sinais que o abade de l'Épée tinha elevado à categoria de língua de instrução, são pouco a pouco eliminados do ensino de jovens surdos. A vontade de impor o método oral se fará cada vez mais forte e no final do século os sinais estarão totalmente proibidos na escola. O método oral se imporá durante um século, depois do Congresso de triste memória que se realizou em Milão em 1880. Quanto mais se instalava a proibição da língua de sinais, a nova norma investia o corpo da criança surda, provocando a prática de novos dispositivos disciplinares (Benvenuto, 2006, p. 240).

No contexto brasileiro, a criação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos em 1857 — hoje chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) —, contou com a

participação do professor surdo francês Ernest Huet. Com conhecimento nas metodologias de ensino baseadas na Língua Francesa de Sinais, Huet contribuiu para a formação de professores que atuariam na educação de surdos em diferentes regiões do país. Segundo Guedes (2012), foi nesse instituto que ocorreu o encontro entre os sinais franceses e os já utilizados por surdos brasileiros, resultando no desenvolvimento da Libras.

Mesmo assim, foi apenas a partir da segunda metade do século XX, com os avanços dos estudos linguísticos e socioculturais, que as diferentes línguas de sinais passaram a ser reconhecidas como língua legítima e o sujeito surdo começou a ser reconhecido através da sua diferença linguística e cultural. Essa mudança de paradigma possibilitou o fortalecimento da identidade surda e de novos movimentos que reivindicam o direito à educação bilíngue e o reconhecimento de culturas surdas.

O discurso mais recente, que apresenta os surdos como membros de uma comunidade linguística e cultural, nasceu como um contra-discurso e um novo olhar sobre o que a surdez pode produzir como constituição de si e na relação dos surdos com o mundo. Este discurso tem produzido efeitos radicalmente opostos àqueles do discurso da anormalidade (Benvenuto, 2006, p. 242).

Este novo olhar sobre a surdez deu lugar a uma série de estudos e pesquisas que se afastam da lógica clínico-terapêutica e passam a valorizar as experiências subjetivas, sociais e políticas das pessoas surdas, afastando-se do ouvintismo. A questão da cultura surda, neste sentido, ganha um lugar de destaque nas produções acadêmicas e nas proposições do movimento surdo.

Lopes e Veiga-Neto (2017) denotam que o movimento surdo se articulava politicamente em defesa de seus direitos linguísticos e educacionais, como ocorreu no Pré-Congresso de Educação de Surdos, em 1999, em Porto Alegre, quando surdos de todo o país elaboraram um documento reivindicando o reconhecimento da língua de sinais, a criação de escolas bilíngues, a presença de intérpretes, entre outras demandas fundamentais. Graças a essas reivindicações, a Libras foi regulamentada e reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, a partir da Lei n. 10.436 (Brasil, 2002).

Um ponto relevante na análise de Benvenuto (2006) é o reconhecimento de que as raízes de um movimento surdo em prol da cultura surda antecede tanto a influência do abade de l'Épée quanto os efeitos da Revolução Francesa sobre a educação. A autora atribui esse marco a publicações feitas por sujeitos surdos ainda no século XVIII, destacando o texto de Pierre Desloges, considerado o primeiro escrito manuscrito por um surdo.

Nessa obra, Desloges defende a importância da língua de sinais e apresenta exemplos concretos de como surdos conseguiam se comunicar sem qualquer intervenção ou mediação

de ouvintes, mesmo antes do trabalho pedagógico de l'Épée. O texto também traz a experiência da coletividade surda, valorizando a partilha de experiências e saberes.

A coletividade, aliás, é apontada por Strobel (2008) como um dos aspectos centrais do povo surdo. Segundo a autora, a construção de identidades surdas se dá a partir de comportamentos transmitidos. “[...] defensores do que se diz ser povo surdo, seriam os sujeitos surdos que podem não habitar no mesmo local, mas que estão ligados por um código de formação visual independente do nível linguístico” (Strobel, 2008, p. 34).

Para Strobel, a cultura surda é constituída pelas formas que o sujeito surdo percebe, comprehende e transforma o mundo, ajustando-o às suas experiências e percepções visuais. Trata-se de uma cultura marcada por práticas, valores e saberes que organizam modos de ser. Assim, essa cultura abrange a língua de sinais, ideias, crenças, hábitos e artefatos que conformam uma visão de mundo própria. Segundo Strobel, elementos como a experiência visual, as artes visuais, a literatura surda, a convivência familiar, a língua, a vida social e esportiva, a atuação política e o uso de materiais adaptados fazem parte do movimento de ser surdo, compondo coletivamente os sentidos dessa identidade cultural.

Outro ponto de destaque que a obra de Desloges nos mostra é o que Strobel (2008) também evidencia: a história dos surdos não se resume à visão salvacionista construída por ouvintes. Desloges mostra que os surdos podem narrar suas experiências, reivindicar o direito à língua de sinais e produzir sentidos a partir de suas vivências. Assim, ele coloca em cena o cuidado de si.

Da mesma forma, Benvenuto (2006) ressalta que mesmo diante dessa série de tentativas históricas de silenciamento da língua de sinais e do surdo, sempre houve resistência. Essa resistência se manifestou por meio de práticas cotidianas, discursos e formas de manter viva a língua e a cultura surda dentro e fora dos espaços institucionalizados.

A noção foucaultiana de sujeito está imbricada neste contexto: alguém que mesmo imerso em relações de controle e dependência, também se vê atravessado por práticas que o convocam a olhar para si e a construir verdades sobre si mesmo. Para Fischer (2002), esse modo de compreender o sujeito indica a possibilidade de ultrapassar as relações de poder a partir do olhar e do cuidado de si, assim como a história dos surdos tem nos mostrado.

Hall (2019) indica que essa concepção de sujeito desestabilizou a visão iluminista de um sujeito unificado e fixo, causando rupturas nos discursos do conhecimento moderno. Ancorada nesta perspectiva, a identidade é formada e transformada através dos modos pelos quais somos representados ou interpelados pelos discursos que nos rodeiam. Dessa forma, o sujeito pós-moderno reflete as complexidades e contradições da modernidade tardia.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do ‘eu’” [...] (Hall, 2019, p. 12).

Assim, Foucault foge da perspectiva construída ao longo dos séculos que toma o sujeito como *desde sempre aí*, conforme refletido por Veiga-Neto (2007). Ao invés disso, o filósofo destrincha modos pelos quais nos tornamos sujeitos. “Em outras palavras, nos tornamos sujeitos pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros aplicam e que nós aplicamos sobre nós mesmos” (Veiga-Neto, 2007, p. 111). Por esta razão, o pesquisador reforça que uma análise do sujeito não pode partir dele próprio, pois é como se estivéssemos falando que ele sempre esteve ali.

É preciso, então, tentar cercá-lo e examinar as camadas que o envolvem e que o constituem. Tais camadas são as muitas práticas discursivas e não discursivas, os variados saberes, que, uma vez descritos e problematizados, poderão revelar quem é esse sujeito, como ele chegou a ser o que dizemos que ele é e como se engendrou historicamente tudo isso que dizemos dele (Veiga-Neto, 2007, p. 113).

Neste sentido, não é possível falar sobre o sujeito surdo sem reconhecer que sua subjetivação se produz a partir de discursos que o atravessam e o constituem historicamente. Ele deve ser compreendido em sua historicidade com base em saberes que o situam ora como deficiência, ora como desvio, ora como diferença. Sua experiência se dá nesse campo tensionado entre controle e resistência, onde a língua de sinais e a coletividade atuam como forças que escapam, reconfiguram e desafiam os regimes que tentam estabilizar o que significa ser surdo.

Nesses processos de subjetivação, Fischer (2002) entende a mídia como um dispositivo pedagógico que atua na produção de modos de pensar e agir. Inspirada no conceito foucaultiano de dispositivo da sexualidade, ela mostra como a mídia articula discursos e práticas que convidam os sujeitos a olhar para si, em algo que ela chama de “revelação permanente de si”. Embora sua análise se concentre na televisão, essa perspectiva pode ser ampliada para a pedagogia cultural aqui destacada.

### **1.3.1 Extra: O Surdo em Cena**

No âmbito das produções acadêmicas brasileiras que articulam histórias em quadrinhos e culturas surdas, destacamos o projeto HQs Sinalizadas, desenvolvido na Universidade Federal do Paraná (UFPR) sob a coordenação dos professores Kelly Priscilla Lóddo Cezar e Danilo Silva Knapik. Idealizado em 2016 e tendo a sua primeira obra

publicada em 2018, o projeto tem como objetivo a produção de quadrinhos que dialoguem diretamente com a comunidade surda, priorizando a presença mínima da língua portuguesa na composição textual. Dessa forma, busca-se favorecer o acesso e a identificação dos sujeitos surdos com as narrativas gráficas.

As obras produzidas pelo projeto, como *O Congresso de Milão*, *Amazônia em Chamas* e *Kika e a Estrela Encantada*, apresentam histórias em que o surdo brasileiro é o protagonista. Além da Libras, o projeto também contempla outras línguas de sinais, como é o caso da Língua Terena de Sinais presente em *Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: A Pajé Surda*. Assim, a proposta consolida-se como uma ampliação do potencial das histórias em quadrinhos, como também um instrumento de valorização e visibilidade das narrativas surdas em sua diversidade linguística e cultural.

O quadrinho *More Than Words*, publicado em 2023, é outra produção de destaque no contexto das histórias surdas, apresentando arte delicada e uma narrativa envolvente, cuja leitura despertou em mim reflexões sobre a comunicação e a experiência surda. Com roteiro de Laica Chrose e arte da quadrinista surda Ju Loyola, a obra apresenta a relação entre Isabel, uma garota ouvinte, e Fabiano, um jovem surdo, que se conhecem por acaso. A partir desse encontro, a personagem ouvinte desperta o interesse em aprender Libras.

A obra se diferencia pela ausência de balões de fala, adotando a Libras como língua principal, assim como o título sugere. Os sinais são acompanhados de tradução para o português, facilitando o entendimento de leitores que não dominam a língua. Nas suas produções, Ju Loyola tem desenvolvido um trabalho centrado na criação do que ela chama de “quadrinhos em narrativa silenciosa”, proposta que evidencia a aproximação da experiência visual das culturas surdas com a experiência visual da leitura de um quadrinho.

Considerando os mangás, ao realizar uma pesquisa sobre produções japonesas que apresentam personagens surdos, identifica-se alguns títulos relevantes. O quadro a seguir reúne mangás publicados no Japão nos últimos 15 anos, indicando sua demografia e destacando os personagens surdos. Os títulos são apresentados em *romaji* e, quando houver publicação no Brasil, utiliza-se o título oficial em português.

**Quadro 5 —** Mangás com personagens surdos

Nome	Autor	Demografia	Personagem Surdo	Publicação
Gangsta	Kohske	Seinen	Nicolas Brown	2011 - atual
Ouço os Raios de Luz	Fumino Yuki	Josei	Sugihara Kouhei	2013 - atual
A Voz do Silêncio	Oima Yoshitoki	Shounen	Nishimiya Shouko	2013 - 2014

Haru no Menuet	Itou Hachi	Shoujo	Tobe Takako	2014 - 2014
Classi9	Yoshimura Tsumuji	Shounen	Ludwig van Beethoven	2015 - 2017
Ousama Ranking	Tooka Sousuke	Shounen	Bojji	2017 - atual
Um Sinal de Afeto	Morishita Suu	Shoujo	Yuki Itose	2019 - atual
Amayo no Tsuki	Kuzushiro	Seinen	Oikawa Kanon	2021 - atual

**Fonte:** Autoria própria (2025)

Dentre os mangás encontrados, grande parte traz surdos como personagens principais. Além disso, obras como *Ouço os Raios de Luz* e *Um Sinal de Afeto* também apresentam outros personagens surdos além do principal. Na maior parte desses mangás, a surdez é tratada como tema central da história.

Desse modo, observa-se uma variedade significativa de temáticas envolvendo o sujeito surdo. *Gangsta*, por exemplo, se passa em uma cidade marcada por corrupção, violência e crime organizado; Nicolas Brown e Worick Arcangelo é uma dupla de assassinos que aceitam trabalhos tanto da máfia, quanto da polícia.

Okuyama (2020), em sua análise de diferentes mangás que abordam a questão da deficiência, evidencia que, em *Gangsta*, a autora utiliza estratégias visuais para marcar a surdez de Nicolas Brown. Em vez de representar os sinais com configurações reais da língua, suas falas são mostradas em texto branco sobre fundo preto, a fim de diferenciar a sua comunicação dos personagens ouvintes e indicar que ele está “sinalizando”. Já na adaptação para *anime*, a língua é utilizada, com o apoio técnico da Federação Japonesa de Surdos (JFD)<sup>2</sup>, organização responsável pela defesa dos direitos das pessoas surdas do Japão; no Brasil, temos a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).

Outros mangás, como *Amayo no Tsuki* e *Ouço os Raios de Luz*, retratam personagens com grau menor de perda auditiva. Nesses mangás, a língua de sinais não está presente e nem é usada para se comunicar; em vez disso, os personagens recorrem a estratégias como leitura labial e oralização, evidenciando diferentes formas de vivenciar a surdez.

Esse tipo de diferença nos ajuda a compreender a multiplicidade das identidades surdas, evidenciando que não existem apenas surdos que se comunicam através das línguas de sinais. Gesser (2009) indica que a leitura labial e o desenvolvimento da fala vocalizada são habilidades que necessitam de treinos para serem desenvolvidas, sendo vinculadas aos treinamentos fono-articulatórios. Sendo assim, não se trata de uma habilidade natural. Da mesma forma, ela aponta que “Ainda que a filosofia oralista tenha predominado na educação

---

<sup>2</sup> Sigla referente ao nome em inglês *Japanese Federation of the Deaf*.

de surdos por muitos anos, há uma variação entre surdos mais habilidosos para leitura labial e outros nem tanto” (Gesser, 2009, p. 61).

Outro aspecto interessante dos mangás mencionados é sua inserção nos gêneros *girls' love* e *boys' love*, ao retratarem relações afetivas que rompem com a lógica heteronormativa. Desse modo, desloca-se a centralidade da norma ouvinte e da heterossexualidade, permitindo que outros modos de existência sejam articulados nas narrativas surdas. Afinal,

Pensar o surdo no singular, com *uma* identidade e *uma* cultura surda, é apagar a diversidade e o multiculturalismo que distingue o surdo negro da surda mulher, do surdo cego, do surdo índio, do surdo cadeirante, do surdo homossexual, do surdo oralizado, do surdo de lares ouvintes, do surdo de lares surdos, do surdo gaúcho, do surdo paulista, do surdo de zonas rurais... (Skliar, 1998 *apud* Gesser, 2009, p. 55)

Por sua vez, Okuyama (2020) utiliza o termo “mangás surdos” para se referir às obras produzidas a partir dos anos 1990 que apresentam personagens surdos, como forma de diferenciá-las das produções de gerações anteriores. Segundo a autora, mangás publicados entre as décadas de 1960 e 1970 que traziam personagens surdos, os retratavam de maneira inadequada, com representações imprecisas, secundárias ou marcadas por estigmas.

Por exemplo, personagens surdos tinham mais chances de acabar sendo fisicamente abusados, cometer suicídio ou enfrentar algum outro destino trágico. Além disso, mesmo na ausência de consequências tão severas, o personagem geralmente era uma figura secundária, a sua deficiência era apresentada de forma incorreta ou exageradamente dramática. Em contraste, os personagens nos mangás a partir dos anos 1980 passaram a ser retratados com descrições mais autênticas (Okuyama, 2020, p. 47, tradução própria).<sup>3</sup>

Essa mudança está ligada a um processo mais amplo de sensibilização no Japão em relação à diferença e aos direitos humanos. Iniciativas políticas e institucionais, como a nomeação de 1981 como o Ano Internacional das Pessoas com Deficiência e reformas legislativas posteriores, contribuíram para consolidar uma visão mais atenta às diferenças nas políticas públicas e nas produções midiáticas (Nagai, 1998 *apud* Okuyama, 2020).

Ainda assim, isso não significa que os mangás estejam isentos de construções cristalizadas sobre as vivências surdas, atravessadas por discursos médicos patologizantes, o que pode ignorar as dimensões cultural, linguística e política do sujeito. Partindo dessa constatação, os mangás selecionados para análise nos ajudam a refletir sobre os modos como as personagens Shouko Nishimiya e Yuki Itose são construídas, considerando os enunciados

---

<sup>3</sup> For example, deaf characters in those days were more likely to end up being physically abused, committing suicide, or meeting another tragic end. Furthermore, even in the absence of harsh consequences, the character was usually a minor figure, and his or her symptoms and conditions of impairment were incorrectly or too dramatically presented. By contrast, characters in the manga of the 1980s and after are portrayed with more authentic descriptions (Okuyama, 2020, p. 47).

que atravessam suas experiências e operam em seus processos de subjetivação ao longo das narrativas.



**VOLUME II: POR TRÁS DOS QUADROS, O ESBOÇO**

---

## VOLUME II: POR TRÁS DOS QUADROS, O ESBOÇO

Os caminhos percorridos neste trabalho não se limitam a uma escolha teórico-metodológica. Eles dizem de um encontro comigo mesma enquanto pesquisadora, da maneira como fui sendo afetada, atravessada e transformada ao longo da construção desta dissertação. Entre leituras, questionamentos e recusas, fui desenhando os contornos possíveis deste percurso.

Corazza (2002) lembra que “[...] uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle” (Corazza, 2002, p. 124). Dessa forma, não se trata apenas de atender às exigências de um trabalho acadêmico, mas de reconhecer que, nesse processo, fui sendo subjetivada pela minha própria pesquisa. A prática não foi uma escolha linear; na verdade, fui escolhida por ela, afinal, “[...] somos escolhidos pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos, e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as)sujeitou” (Corazza, 2002, p. 124).

Ao longo das leituras, fui sendo provocada por conceitos, ferramentas e modos de olhar que foram reorganizando minhas próprias indagações. É nesse movimento que elementos do pensamento foucaultiano surgem: como caminhos para compreender os processos de subjetivação presentes nos mangás selecionados.

O último pensamento de Foucault, chamado de domínio ser-consigo (Veiga-Neto, 2007), corresponde à fase em que o autor se dedica à história da sexualidade e às reflexões sobre as práticas de si, articulando-se aos dois anteriores, o ser-saber e o ser-poder, possibilitando uma análise da constituição do sujeito. Como afirma Veiga-Neto (2007, p. 82), “Colocado no espaço projetado pelos três eixos, o sujeito é um produto, ao mesmo tempo, dos saberes, dos poderes e da ética”. Nesse domínio, as tecnologias do eu ganham centralidade, pois dizem respeito aos modos pelos quais os sujeitos se relacionam consigo, produzindo-se e se reinventando.

Cabe destacar que o trabalho com as noções foucaultianas aqui mobilizados não se dá a partir de uma leitura direta e exaustiva do filósofo, mas por meio das leituras, interpretações e deslocamentos produzidos por pesquisadoras e pesquisadores no campo da Educação que há décadas têm se debruçado sobre suas obras, trazendo-as para outros territórios de análise. Dessa forma, não é possível ignorar os movimentos já realizados por essas leituras que interpretam, reinventam e expandem as contribuições de Foucault dentro do campo da educação, sobretudo articulado aos Estudos Culturais.

Sobre essa aproximação, Veiga-Neto (2004) nos convida a refletir sobre os desafios e as possibilidades que ela apresenta. O autor alerta os riscos de mobilizar Foucault de forma fragmentada, desconsiderando as contradições e tensões que surgem no diálogo com outros autores ao longo da pesquisa, o que pode comprometer o rigor teórico dessa escolha. Ainda assim, o pesquisador considera que existe uma abertura que os Estudos Culturais fazem a Foucault ao colocar o papel do poder no centro das significações e das identidades culturais.

[...] na medida em que ele nos oferece três métodos para analisarmos como se deu (e se dá) a fabricação desse sujeito moderno, nós podemos assumir a tarefa de usá-los como fogos de artifício para ir adiante, combinando-o com outros campos e inventando novas maneiras de analisar a subjetivação fragmentária pós-moderna (Veiga-Neto, 2004, p. 55).

Dessa maneira, este processo metodológico se aproxima de uma alquimia (Corazza, 2002). Uma bricolagem de conceitos, teorias e afetos que produzem sentidos, deslocamentos e novas possibilidades ao se encontrarem. Sendo assim, esta pesquisa também se inscreve no campo pós-estruturalista, onde as metodologias não são previamente definidas, mas se constroem no próprio percurso da investigação. Como afirmam Tedeschi e Pavan (2017),

O pós-estruturalismo parte da perspectiva de que as metodologias devem ser construídas no percurso da investigação, de acordo com o objeto de pesquisa e as questões elaboradas e suscitadas, pois não é possível estabelecer antecipadamente os passos ou procedimentos denominados metodológicos e construir caminhos em abstrato ou modelos prévios (Tedeschi; Pavan, 2017, p. 773).

Além disso, o ofício do pesquisador é o ofício daquele que investe em pensar de forma diferente do que ele mesmo pensa, em perceber diferentemente o que ele mesmo vê (Fischer, 2003 *apud* Foucault, 1990). É este investimento que faço na minha prática de pesquisa; trata-se de produzir novos olhares para aquilo que aparece como dado, naturalizado ou evidente nas leituras de mangás.

A leitura que fiz de *A Voz do Silêncio* aconteceu ainda na minha adolescência e marcou meu primeiro contato com a representação de um personagem surdo na mídia. O que começou como uma leitura movida pelo entretenimento logo se transformou em curiosidade, que se desdobrou em busca por conhecimento sobre a cultura surda, até se consolidar como um processo de aprendizagem da Libras e mais adiante, como objeto de pesquisa.

Por reconhecer no mangá um lugar de aprendizagem e por ter sido esta narrativa responsável pela minha aproximação à cultura surda, *A Voz do Silêncio* foi selecionado como parte deste trabalho. Além disso, *Um Sinal de Afeto* também foi selecionado com objetivo de trazer duas tramas distintas, mas que ambas envolvem personagens surdos.

Ainda assim, foi preciso coragem para tensionar objetos naturalizados, reconhecer os discursos envolvidos em relações de poder que nos cercam e refletir sobre as práticas

discursivas e não-discursivas que produzem saberes e modos de existência. Afinal, “[...] palavras e coisas produzem sujeitos, subjetividades, modos de subjetivação” (Fischer, 2003, p. 373).

Partindo da perspectiva de Foucault (1986 *apud* Fischer, 2001), a noção de discurso utilizada nesta pesquisa diz respeito ao conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva. O enunciado se refere à função de existência que atravessa frases, proposições e atos de linguagem, sendo definido pelas condições históricas, institucionais e sociais que permitem que algo seja dito e reconhecido em um determinado lugar ou época (Fischer, 2001).

Desse modo, Fischer (2001) evidencia que o enunciado se caracteriza por quatro elementos centrais: o referente, que delimita o tema ou objeto a que o enunciado se dirige; o sujeito, entendido como a posição assumida pelo emissor; o campo associado, que reúne outros enunciados que coexistem com ele; e a materialidade específica, que diz respeito à forma concreta pela qual o enunciado se manifesta, seja por meio da fala, da escrita, do desenho ou de outras formas de expressão.

Do mesmo modo, a autora destaca que, para o filósofo, a análise do enunciado e da formação discursiva são estabelecidas de forma correlativa. A formação discursiva consiste em um conjunto de relações que estabelecem normas para a produção e circulação de sentidos dentro de um campo. Por isso, ela está sempre em relação com determinados campos do saber (Fischer, 2001). Assim, “Ela funcionaria como “matriz de sentido”, e os falantes nela se reconheceriam, porque as significações ali lhes parecem óbvias, “naturais”. (Fischer, 2001, p. 2004).

Essas noções orientaram a análise realizada, possibilitando uma reflexão sobre os enunciados que se apoiam em formações discursivas específicas acerca do surdo e da diferença. Com este norte, foi possível identificar quais sentidos são reforçados, bem como quais falas são naturalizadas ou contestadas nos textos, contribuindo para a produção de diferentes tipos de sujeitos.

Conforme discutido por Fischer (2003), analisar as práticas discursivas e não-discursivas requer um trabalho cuidadoso e detalhado de investigação, buscando revelar os espaços menos evidentes em torno de objetos. Para Foucault, há um vazio em torno dos ditos e acontecimentos que muitas vezes tomamos como verdades inquestionáveis. É este vazio que busco adentrar para analisar os modos de subjetivação surda que se produzem nos mangás selecionados. Mais do que uma inquietação pessoal, este trabalho também se abre como

convite a quem lê e se relaciona com o mangá, para que possamos estranhar juntos os discursos, reconhecendo como operam na fabricação de sentidos sobre a diferença.

## 2.1 CAPÍTULO 1: NARRATIVAS SELEÇÃOADAS

*A Voz do Silêncio* é um mangá de Ōima Yoshitoki, serializado no Japão entre agosto de 2013 e novembro de 2014, inicialmente escolhido como *one-shot* vencedora do 80º Prêmio *Shounen Magazine* em 2008. A história acompanha Shouya Ishida e Nishimiya Shouko, dois estudantes do ensino médio marcados por um passado traumático. Shouko, que é surda, foi matriculada em uma escola regular sem qualquer política de inclusão, tornando-se alvo de exclusão e bullying por parte dos colegas.

Shouya, o principal agressor, chega a quebrar seus aparelhos auditivos diversas vezes, o que acaba forçando a família a mudá-la de escola mais uma vez. Anos depois, a narrativa se concentra na tentativa de redenção de Shouya, que busca reparar seus erros do passado e construir uma relação de amizade com Shouko, tomando a aprendizagem da língua de sinais como parte inicial desse processo.

O mangá foi publicado em dezenas de países poucos anos depois da sua finalização. No Brasil, foi lançado pela editora NewPOP em 2017 seguindo o modelo da publicação japonesa, compilando os 64 capítulos em 7 volumes. Em 2019, a editora decidiu republicar o título em uma edição de luxo, finalizada em 4 volumes com capa dura, acabamento especial e conteúdos extras.

Ele recebeu apoio da JFD e ao longo de sua publicação, foi elogiado por figuras surdas e atraiu a atenção da comunidade. Em uma entrevista, Ōima revelou que a inspiração para a história veio do convívio com sua mãe, que atua como intérprete da Língua Japonesa de Sinais. No entanto, embora a narrativa apresente questões sobre bullying e a surdez, a autora afirma que o tema central do mangá é a comunicação; “A surdez de Shouko também era apenas um elemento para lembrar o leitor do tema da história, não o assunto principal sobre o qual eu iria escrever” (Ōima, 2020).

Enquanto isso, *Um Sinal de Afeto* é um mangá de autoria de Suu Morishita, uma dupla de mangakás formada por uma artista e uma roteirista. O mangá é publicado no Japão desde 2019 pela revista Dessert da editora Kodansha, contando com 12 volumes até o momento. No Brasil, a editora Newpop iniciou a sua publicação em maio de 2024.

A trama concentra-se em Yuki Itose, uma jovem universitária surda, e Itsuomi Nagi, um jovem universitário ouvinte. Itsuomi é introduzido como um jovem curioso e poliglota,

que busca expandir seu conhecimento sobre as culturas ao seu redor. Assim, ao conhecer Yuki, ele demonstra interesse em aprender a língua de sinais e em compreender as dinâmicas da sua vida. A narrativa explora as complexidades do relacionamento entre os dois sob a perspectiva de Yuki, que é a narradora principal da trama.

Dentre as principais diferenças entre os mangás, a perspectiva narrativa é o que mais se destaca. No primeiro mangá, a história é contada do ponto de vista do ouvinte, do agressor; o leitor não tem acesso aos pensamentos de Nishimiya, mas é levado a acompanhar o raciocínio de Ishida. Em *Um Sinal de Afeto* por outro lado, acompanhamos a história a partir dos anseios, ideias e sentimentos de Yuki.

Considerando a extensão de cada mangá, delimitei o *corpus* de análise ao primeiro volume de cada obra. Essa escolha permitiu uma atenção à forma como as personagens surdas são introduzidas, bem como aos enunciados que surgem desde o início da narrativa. Para isso, foi realizada uma leitura preliminar dos volumes, com o objetivo de retomar aspectos gerais da trama e relembrar nuances importantes antes do processo de análise.

Em uma segunda leitura, o foco recaiu sobre as passagens em que a surdez e a diferença aparecem como elementos centrais nas interações e nos conflitos. Momentos em que a surdez é tematizada diretamente foram evidenciados, assim como cenas em que os modos de ser das personagens surdas são tensionados, regulados ou desestabilizados por discursos presentes nos textos.

A partir desse material, a análise observou como enunciados sobre o sujeito surdo são colocados em funcionamento e sob quais condições históricas, sociais e culturais esses enunciados se tornam possíveis. Como informado anteriormente, a análise se orientou pelas noções foucaultianas mencionadas. Com isso, foi possível identificar que tipo de saberes são mobilizados ou silenciados na construção das personagens surdas, como elas são situadas na trama em relação aos demais sujeitos e quais posições de sujeito lhes são atribuídas ou negadas.



**VOLUME III: POR TRÁS DOS BALÕES, O DISCURSO**

---

### VOLUME III: POR TRÁS DOS BALÕES, O DISCURSO

Dentre as variadas convergências entre o pensamento foucaultiano e os Estudos Culturais, destaca-se a ideia de que os textos não podem ser compreendidos fora do contexto de sua produção histórica e social (Giroux, 1995). Nesse sentido, os textos são entendidos como formas que carregam marcas de seu tempo, de suas condições de emergência e dos discursos que os atravessam.

Da mesma forma, Giroux aponta que os Estudos Culturais se comprometem com a análise da produção, recepção e uso situado dos textos, considerando-os como elementos que estruturam relações sociais, valores e diferentes definições do eu. Nesse campo, o texto abrange formas auditivas e visuais, sendo necessário analisá-los a partir de uma concepção de história marcada por rupturas e deslocamentos, evitando uma narrativa linear.

Em *A Ordem do Discurso*, Foucault (2012) parte da hipótese de que em toda sociedade, a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída segundo determinados mecanismos que visam administrar seus poderes e perigos. O autor destaca que o discurso é regulado por procedimentos de exclusão, como a interdição, a separação e a vontade da verdade, nos quais determinam o que pode ser dito, quem pode dizer e em quais condições.

Considerando esse entendimento, é importante perpassar por um breve contexto histórico e social da questão do surdo no Japão, a fim de compreender o lugar em que se inserem as produções dos mangás e as formações discursivas evidenciadas nas narrativas. Para isso, tomo como base os estudos de Nakamura (2006), que situa o surdo e da língua de sinais no Japão, assim como Okuyama (2020), evidenciando a forma como a sociedade japonesa percebe a diferença; neste caso, a diferença marcada pelo corpo, pelo lugar da deficiência.

Desse modo, a sociedade japonesa é marcada por lendas e tradições que se mantêm vivas de geração a geração. Segundo Okuyama (2020), diversas lendas japonesas articulam deficiência e sorte por meio do que a autora chama de metonímia *fukugo*, associando corporalidades marcadas como desviantes a significados positivos. Como exemplo, a autora destaca a lenda de Fukusuke, a qual conta a história de um homem de baixa estatura e cabeça grande que, apesar de ser ridicularizado por sua aparência, se torna um artista renomado e passa a simbolizar boa sorte. Sua imagem se popularizou como um boneco de porcelana, ainda hoje presente em estabelecimentos comerciais no Japão, sendo usado como amuleto para atrair prosperidade e felicidade.

Outro caso destacado é o de Sendai Shirou, um jovem com deficiência intelectual que era acolhido por comerciantes no período Edo, pois acreditavam que sua presença atraía prosperidade. Conforme aponta a autora, a figura de Shirou foi bastante comercializada como cartão-postal no período Meiji e atualmente é resgatada como souvenir na cidade de Sendai. Okuyama também traz a pesquisa de Ono e Shiba (1983 *apud* Okuyama, 2020), os quais realizaram questionários em diversas regiões do Japão e identificaram variantes dessa metonímia, evidenciando que a associação entre deficiência e boa sorte permanece presente no imaginário japonês.

Segundo Foucault (2012), não há sociedade onde não existam narrativas que se contam, se repetem e que vão se mudando. Há, segundo ele, uma espécie de desnível entre os discursos: de um lado, aqueles que circulam no dia a dia, ditos ao acaso e muitas vezes esquecidos logo após sua formulação; de outro, os discursos que permanecem, que são retomados, reinterpretados e preservados, pois carregam um valor institucional.

O que se preserva e se repete carrega uma marca de poder, pois define o que pode ser pensado, reconhecido e compartilhado. Ao delimitar quais discursos permanecem e quais se apagam, uma sociedade também estabelece fronteiras sobre o que considera legítimo ou desviante.

Nesse sentido, essas lendas podem ser entendidas como parte de uma formação discursiva que preserva e reativa determinados sentidos sobre a deficiência. Ao mesmo tempo, emergem outras narrativas e noções que legitimam exclusões, o que remete à afirmação de Foucault de que “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que por vezes se cruzam, mas também se ignoram ou se excluem” (Foucault, 2012, p. 50).

As legitimações da exclusão estão relacionadas à dois conceitos principais, conforme Okuyama (2020). A noção de *inga* ou carma, derivada do budismo, foi reconfigurada socialmente como uma explicação causal para corpos e mentes marcados, operando como um regime de verdade que associa a deficiência a punições por ações passadas. Esse discurso participa da normalização da exclusão, legitimando práticas de marginalização ao inscrever a deficiência como destino ou falha moral.

Da mesma maneira, o conceito de *kegare* associado ao sangue e à morte, foi expandido para abranger aquilo que é ambíguo ou indeterminado socialmente, como corpos e identidades que fogem do que é considerado normal. Dessa forma, *inga* e *kegare* se fundiram como uma forma de justificar a exclusão e o silenciamento do sujeito considerado desviante, funcionando como uma forma de regulação social baseados no medo, na repulsa e na patologização da diferença.

Destaca-se como esses saberes circulam e se institucionalizam, operando nos discursos sociais, médicos, religiosos, familiares e midiáticos. Além disso, até mesmo o termo japonês para deficiência traz uma conotação patologizante: *shougai*, composto pelos ideogramas *shou* (interferência) e *gai* (dano/prejuízo), reforça o discurso de que o sujeito que se desvia da norma é um estorvo e deve elaborar estratégias para não se tornar um fardo para os outros (Okuyama, 2020, p. 9).

Com base nisso, Okuyama aponta o potencial dos mangás para subverter regimes discursivos, deslocando a diferença de uma condição entendida como falta ou déficit para uma forma legítima de existência e resistência. Nessa perspectiva, o mangá se configura como um lugar onde se produzem e circulam sentidos que desafiam as normas e interpelam o sujeito aprendiz a partir de experiências que colocam o corpo/mente/cérebro em movimento, em direção a compreensões imprevisíveis de si, do outro e do mundo.

No que diz respeito à educação de surdos no Japão, Nakamura (2006) destaca aspectos históricos que contribuíram para sua constituição. Registros apontam que a primeira escola para surdos no Japão foi fundada em 1875, em Quioto, por Furukawa Tashiro. Segundo a autora, a inspiração para sua criação surgiu quando Furukawa observou crianças surdas se comunicando por sinais através da janela da cela em que esteve detido. A partir desse episódio, ele decidiu utilizar a língua de sinais na fundação da escola.

No entanto, o Congresso de Milão de 1880 também teve impacto significativo na educação de surdos do país. De acordo com a autora, esse evento também influenciou diretamente a política educacional japonesa, promovendo a adoção do oralismo em detrimento do uso da língua de sinais.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Lei Fundamental da Educação de 1947 tornou a escolarização básica obrigatória, inclusive para crianças surdas. Embora o oralismo continuasse em vigor, o encontro de crianças surdas, muitas sem contato prévio com outros surdos, tornava a comunicação em sinais inevitável. Segundo Nakamura (2006), foi nesse contexto que começaram a se formar grupos e comunidades surdas em torno das escolas, marcando o início de uma vida comunitária centrada na experiência surda.

A autora também destaca o papel da Federação Japonesa de Surdos na consolidação desse sentimento de comunidade, mesmo que a sua atuação política mais ativa tenha começado apenas a partir da década de 1960, momento em que se intensifica a preocupação linguística e sociocultural em torno da cultura surda. Foi nesse período que surgiu uma preocupação por parte da JFD em padronizar os sinais, dada a grande variação regional. Ainda assim, mesmo com os esforços, a grande variação linguística permanece uma

característica constante no país.

Nakamura apresenta três termos utilizados para distinguir as principais variações das línguas de sinais no Japão. *Dentouki-shuwa* refere-se à língua de sinais tradicional, comum entre a geração mais antiga e entre jovens que buscam retomar essa tradição; trata-se de uma língua natural, com estrutura gramatical própria que envolve expressões faciais e a corporalidade. Já *Nihongo-taiou-shuwa* corresponde à codificação da língua japonesa em sinais, podendo ser compreendida como Japonês Sinalizado, pois segue a estrutura gramatical da língua oral. Essa forma é geralmente utilizada por professores ouvintes no contexto da educação de surdos e intérpretes.

Nesse cenário, destaca-se um movimento crescente denominado D-Pro, que busca reafirmar a expressão linguística da Língua Japonesa de Sinais como pura, sem interferência da língua oral, levantando também a bandeira da cultura surda, mesmo não sendo aceita por toda comunidade surda do país. Essa perspectiva difere da posição da JFD que, embora tenha promovido esforços para padronizar a língua, reconhece as variações regionais e culturais nos sinais, adotando o termo *Nihon-shuwa* para designar quaisquer sinais utilizados por surdos no Japão.

Diante desse panorama, é evidente como discursos sobre a diferença são atravessados por construções históricas, culturais e políticas que participam da formação discursiva dos sujeitos surdos. Tais sujeitos são produzidos por práticas que regulam e instituem condições de existência. Essas práticas estão vinculadas a um conjunto de regras anônimas e históricas que delimitam o que pode ser dito sobre a surdez, por quem e em quais condições. Essa trama de enunciados evidencia a descontinuidade dos discursos, que ora reforçam a deficiência como falta, ora deslocam seus sentidos para outras possibilidades de existência.

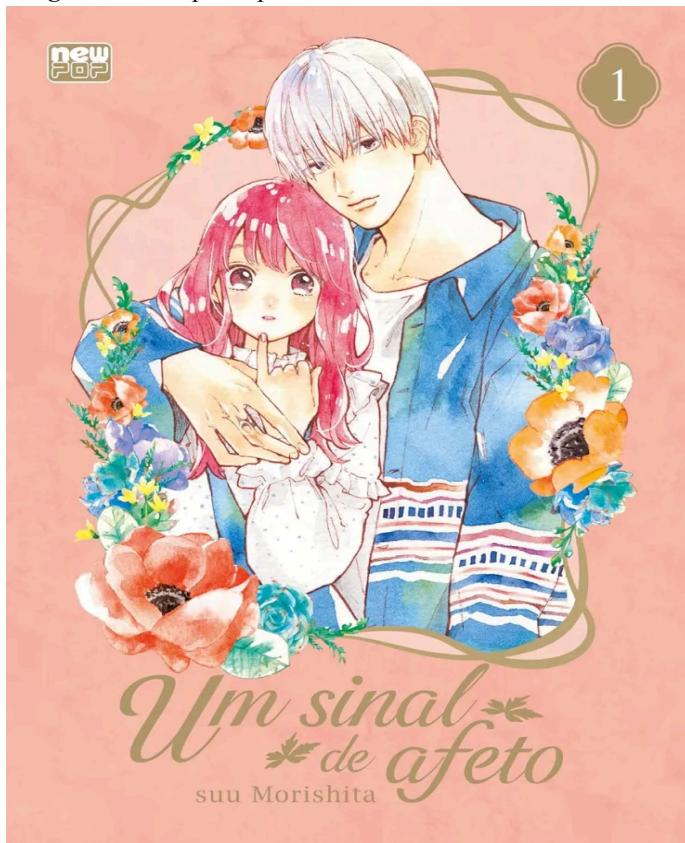
Diante disso, situo a análise dos mangás selecionados, evidenciando como as narrativas são construídas e de que forma esses textos se articulam ou não com formações discursivas que situam o surdo no lugar da deficiência. Assim, os mangás se posicionam como lugares onde os regimes de verdade sobre o sujeito surdo se afirmam, se deslocam ou se desestabilizam, abrindo brechas para modos diversos de ser, representar e reconhecer esses sujeitos.

### 3.1 CAPÍTULO 1: ESSE É O MEU MUNDO

A capa do primeiro volume de *Um Sinal de Afeto* apresenta os dois personagens em destaque: Yuki, com uma expressão curiosa e Itsuomi que a envolve com o braço de forma

protetora. Yuki aparece com o dedo mindinho próximo à boca, realizando um sinal que aparece durante o enredo, mas é bastante similar ao sinal de “namorada/mulher” na língua japonesa de sinais. Itsu reforça a ideia de proteção e cuidado, enquanto a figura da Yuki é construída com traços que evocam delicadeza e fragilidade.

**Figura 1 —** Capa do primeiro volume de Um Sinal de Afeto



**Fonte:** Biblioteca Brasileira de Mangás (2024)

No índice do mangá, é explicado brevemente algumas convenções visuais adotadas para representar aspectos da surdez de Yuki. Por exemplo, os textos em cinza indicam que ela conseguiu fazer a leitura labial, enquanto as letras invertidas sinalizam falhas na compreensão. O volume é dividido em quatro capítulos, totalizando 174 páginas.

Além disso, as autoras informam que contam com o apoio de uma assistente surda para o uso da língua de sinais, Miyazaki Yuki. Em conteúdos extras incluídos no volume, elas estabelecem a forma de sinalização utilizada no mangá. No mangá, é empregado o Japonês Sinalizado, que segue a estrutura gramatical do japonês escrito, o que reforça a popularidade desta forma de sinalização conforme discutido por Nakamura (2006).

O objetivo não é descrever cada capítulo ou cena de forma isolada, mas destacar elementos significativos presentes na introdução e na construção da personagem, evidenciando como esses aspectos constituem a sua identidade. Assim, durante o primeiro

volume, Yuki interage com frequência com três personagens centrais: Rin, sua amiga da universidade; Oushi, seu amigo de infância; e Itsuomi, seu recente interesse amoroso. A forma como Yuki se relaciona com cada um deles se diferencia, evidenciando as múltiplas posições que ela ocupa como sujeito e os distintos modos de ser que se produzem nessas relações.

Rin é uma amiga que se comunica exclusivamente através de mensagens escritas no celular, enquanto Yuki faz a leitura labial e também responde por mensagens. As autoras evidenciam a proximidade entre as duas pelo fato de que não há nenhum ruído na comunicação entre elas; os textos estão sempre em cinza. Yuki consegue fazer a leitura labial sem nenhuma dificuldade e isso se deve ao fato de que Rin sabe como articular as palavras para ser entendida. Além de ser melhor amiga, ela também atua como suporte nas aulas, realizando anotações no *notebook* para Yuki.

**Figura 2 —** Uso do smartphone e da leitura labial para se comunicar



**Fonte:** Suu Morishita, 2024, p. 23

Apesar do vínculo afetivo, é possível questionar: em que momento o interesse pela língua de sinais passa a fazer parte da relação? A ausência de um movimento para aprender a língua indica que a comunicação continua orientada por práticas normativas que privilegiam a leitura labial e a escrita como formas universais de comunicação de surdos. Neste cenário, Yuki é quem deve se adaptar, evidenciando uma assimetria na relação.

Esse aspecto demonstra uma naturalização da língua oral como prioritária, seja na forma oral ou escrita, nas quais o surdo é quem deve se articular para participar, se comunicar, ser incluído, mesmo em relações íntimas. A falta da língua de sinais como alternativa comunicacional invisibiliza uma dimensão central das identidades surdas e limita as possibilidades de expressão da personagem.

Por outro lado, temos o amigo de infância, Oushi. Ele é o único personagem que se comunica com Yuki por meio da língua de sinais, o que poderia sugerir uma maior

proximidade. No entanto, paradoxalmente, ele mantém maior distância afetiva dela. Sua relação com Yuki é marcada por uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que demonstra certo cuidado, ele também a diminui. Questiona sua presença na universidade, como se sua surdez a tornasse inadequada ou incapaz de acompanhar o curso. Além disso, ironiza sua relação com Rin, sugerindo que a amizade entre elas é uma relação funcional baseada na dependência.

Dessa forma, mesmo que a comunicação entre eles ocorra por meio da língua de sinais, percebe-se uma perspectiva atravessada por lógicas ouvintistas. Yuki é posicionada a partir de enunciados que a vinculam à falta, à fragilidade e à incapacidade. Por isso, a proximidade linguística atua como dispositivo que sustenta o ouvintismo, evidenciando que o domínio da língua, por si só, não desestabiliza práticas que inscrevem o sujeito surdo na lógica da deficiência.

**Figura 3 — A relação de Yuki e Oushi**



**Fonte:** Suu Morishita, 2024, p. 82.

O personagem Oushi é apresentado como alguém que acompanha Yuki desde a infância, o que significa que ele também acompanhou situações conflitantes que ela pode ter vivenciado por ser surda. Nesse contexto, sua atuação se articula a práticas de vigilância e regulação, produzindo efeitos de disciplina sobre os comportamentos de Yuki, a partir de enunciados calcados na vinculação da surdez à deficiência. Ao tentar protegê-la, Oushi também estabelece o que ela pode ou não fazer, quem ela pode ou não confiar e como deve agir; estabelecendo, assim, uma forma de controle disfarçada de cuidado.

De acordo com Perlin (2013), Foucault evoca a ideia de que as relações de poder não se localizam apenas em instituições visíveis, mas estão entranhadas nas práticas mais cotidianas, nos encontros, nos gestos e nas palavras ditas com naturalidade. Perlin (2013) reforça essa perspectiva ao demonstrar como são tecidas redes de poder nas interações entre surdos e ouvintes, disfarçadas no discurso da inclusão e da acessibilidade. Para a autora surda, é assim que surge o ouvintismo: derivado de uma proximidade entre surdos e ouvintes, no qual o ouvinte está sempre em uma posição de superioridade.

No entanto, ainda que atravessada por discursos de controle e normatividade, Yuki se movimenta através de novas descobertas — da paixão, de novas amizades, de experiências que escapam da fronteira estabelecida por ouvintes. Frente às tentativas de enquadramento, Yuki responde com gestos de afirmação de si, escolhas que fazem um movimento de ruptura com aquilo que a impedia de ver e viver o mundo como desejava. Yuki demonstra uma luta contra a submissão da subjetividade (Foucault, 1995 *apud* Fischer, 2002).

**Figura 4** — Yuki ignora Oushi e vai em direção ao seu objetivo



**Fonte:** Suu Morishita, 2024, p. 155

A escolha de ingressar na universidade, por exemplo, se configura como uma prática de cuidado de si, como uma tentativa de se aproximar do mundo, segundo suas próprias palavras. Nesse sentido, a universidade representa um espaço de formação acadêmica, como também um cenário onde ela buscaria se inserir e experimentar o novo. Para ela, os

universitários, irradiavam uma vivacidade à qual ela antes não pertencia, reforçando a distância entre a observadora e aqueles que “habitavam o mundo de verdade”; neste caso, os ouvintes. Da mesma forma, o início da sua relação com Itsuomi também marca uma ruptura.

Retomemos às primeiras páginas do mangá. Na cena introdutória, Yuki nos diz “este é o meu mundo” e logo em seguida somos levados ao ambiente do metrô, onde onomatopeias de inúmeros sons, sussurros e conversas paralelas criam um contraste entre a experiência interna de Yuki e a realidade sonora do ouvinte. A composição visual enfatiza isso ao mostrar o rosto de Yuki com o cabelo atrás da orelha, revelando seu aparelho auditivo.

Essa escolha visual não é apenas um detalhe estético, mas um marcador que insiste na presença da surdez como parte integrante da construção da identidade da personagem, bem como um lembrete de que estamos lendo a história de uma personagem surda. Assim, o elemento visual atua estabelecendo a forma como Yuki se posiciona e se constitui enquanto pessoa surda.

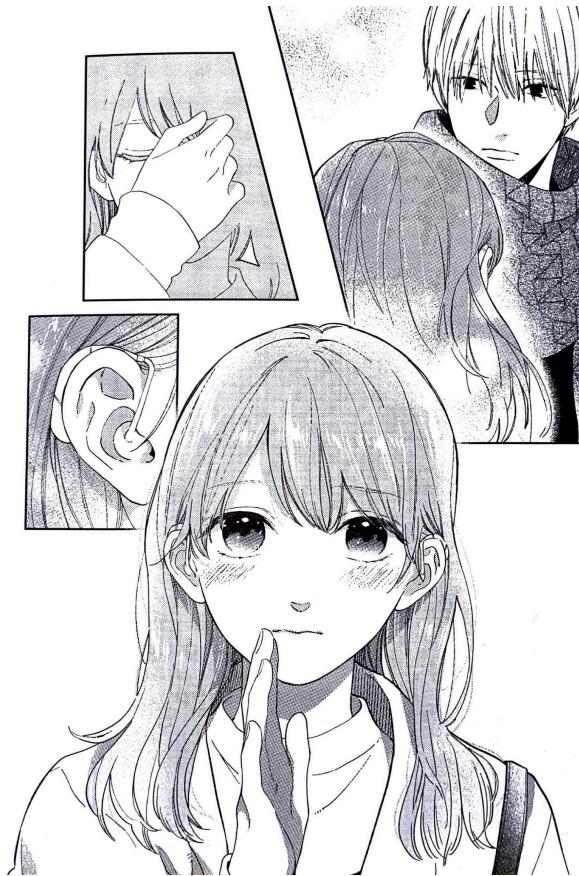
Após esta primeira impressão, a jovem se depara com um homem de outro país pedindo informações. No entanto, ela demonstra não compreender o que ele diz e não consegue responder. É nesse momento que Itsu surge intervindo na situação; na primeira interação entre os dois, Yuki utiliza a língua de sinais para agradecer, embora Itsu não a entenda. Ao perceber isso, ela usa o celular para escrever uma mensagem, mas ele a interrompe perguntando se ela consegue fazer a leitura labial.

As expressões faciais de Itsuomi após essa interação e a fala “é a primeira vez que encontro uma pessoa como você” operam como enunciados que inserem Yuki em uma diferença, marcada pela curiosidade e estranheza. Da mesma forma, quando Yuki pensa “ele me encara como se estivesse vendo um animal exótico”, revela a internalização dessa posição que a constitui como objeto de observação. Tais formulações inscrevem o sujeito surdo em uma lógica de exotização, comum nos discursos que tratam a surdez como déficit e desviante da norma ouvinte. No entanto, o deslocamento se dá quando Yuki percebe que, diferente de outros, Itsuomi não ficou paralisado e desconfortável diante da surdez.

Após a despedida, observamos que Yuki é tomada por uma sensação diferente ao refletir sobre o encontro. Após descer do metrô, ela reconhece que as vibrações que estava sentindo vinha dentro dela e não do ambiente externo, dando início ao seu interesse em relação ao rapaz. O uso da vibração como recurso metafórico também dialoga com aspectos da cultura surda, dentre os quais a experiência corporal são formas de se relacionar com o mundo. Mesmo que haja uma surdez profunda, surdos são capazes de sentir vibrações

externas e por isso podem experienciar concertos musicais ou outros ambientes em que o som é predominante.

**Figura 5** — Yuki agradece a Itsu



**Fonte:** Suu Morishita, 2024, p. 12.

Através da figura de Itsu, tornam-se visíveis deslocamentos nos modos como se produzem o que se reconhece como cultura japonesa, ainda que esta não se constitua como eixo central da análise. Ele é representado como um sujeito que circula entre diferentes contextos socioculturais, sendo plurilíngue e habituado a experiências em outros países. Assim, o contato físico é algo frequente em suas relações, deslocando normas convencionais da cultura japonesa. Toques, abraços e beijos fazem parte de sua maneira de se relacionar, o que se evidencia tanto nas interações com Yuki quanto com amigos estrangeiros. Assim, Yuki o descreve como “uma pessoa que conhece vários mundos”.

Dessa forma, desde o primeiro capítulo vemos uma aproximação do personagem à experiência de Yuki, marcada por perguntas sobre a língua de sinais e sobre a origem de sua surdez; em um dado momento do volume, ele pede que ela o ensine a sua língua. Essas ações produzem uma abertura à diferença mas também posiciona Yuki como parte de uma cultura outra. Diante disso, a personagem se interroga se o interesse por ela estaria ligado a um possível interesse romântico ou seria resultado do seu pertencimento a outra cultura.

No último capítulo do volume, somos atravessados por um enunciado proferido por Itsuomi que revela a experiência do ouvinte ao vivenciar o primeiro contato com um sujeito surdo.

Quando te encontrei pela primeira vez e vi você usando sinais... Eu meio que... Senti como se o meu mundo até aquele momento tivesse virado de cabeça pra baixo. Antigamente eu morava no exterior e tive interesse por outros idiomas e culturas naturalmente, e isso se tornou algo que me move também. Até hoje, sempre fiquei olhando só as coisas distantes, mas... Elas existiam bem perto de mim também (Morishita, 2024, p. 161-163).

Esse momento, embora marcado pelo fato de que Yuki não viu o que foi dito pois não mantinha contato visual com Itsuomi, demonstra o encontro com uma pessoa surda como uma ruptura. A fala de Itsuomi evidencia que a diferença e a diversidade linguística não pertencem a um outro distante, estrangeiro, inacessível, mas fazem parte do cotidiano, mesmo que muitas vezes permaneçam invisibilizadas por olhares e silenciadas por vozes habituados à norma ouvinte.

Conforme discutido por Strobel (2008), o modo de agir e ver o mundo de um sujeito surdo constitui-se como uma cultura estrangeira para os ouvintes. Nesse sentido, esse momento de encontro atua como um desestabilizador de referenciais antes estabelecidos e cristalizados, interpelando o ouvinte por meio da presença dos artefatos culturais que envolvem o surdo. Mesmo assim, é importante reforçar que não devemos cair no mito de que o sujeito surdo não pode compartilhar de outras culturas, como a do ouvinte. Afinal, as culturas estão em constante diálogo e transformação (Gesser, 2009).

Com isso, ao longo do primeiro volume, acompanhamos as experiências de Yuki diante de situações que tensionam sua identidade surda, ao mesmo tempo em que a afirmam e lhe dão lugar. Ela reconhece cenários que tentam encaixá-la em um lugar de fragilidade, mas também responde a eles com gestos que revelam um cuidado de si. Esse cuidado é resultado de uma vida marcada pela diferença, onde ser surda requer a elaboração estratégias para existir em um mundo que a enxerga como desviante. Nesse processo, há resistência às formas de silenciamento e controle, mas também há estratégias que ela mobiliza para estabelecer relações, investir na formação, experienciar afetos e conduzir sua existência de acordo com seus próprios termos.

### 3.2 CAPÍTULO 2: NISHIMIYA SHOUKO, EU NÃO GOSTAVA DELA

As palavras de Shouya Ishida dão título a esta seção e revelam o desafio de analisar a personagem Nishimiya Shouko: diferente de Yuki, sua perspectiva não é privilegiada na

narrativa. Somos conduzidos pela visão de Shouya, um dos responsáveis pelo bullying que ela sofre durante o período em que frequenta a escola de ensino regular. Dessa forma, a interioridade e a experiência subjetiva de Shouko permanecem silenciadas e mediadas pela ótica de outros personagens. Ainda assim, é possível perceber que, entre as ausências e as lacunas, a sua presença é capaz de nos fazer questionar as estruturas de poder e a exclusão presentes no ambiente escolar.

Dessa forma, o primeiro volume se inicia no presente, mostrando a busca do Shouya pela Nishimiya a fim de se redimir pelos seus erros, desta vez tendo a língua de sinais como intermédio. No entanto, o foco do volume recai sobre o passado, retratando a infância do garoto e a forma como ele percebe o mundo antes e depois da chegada de Shouko. Importa destacar que, para realizar a leitura e análise, a edição de luxo foi utilizada, lançada em 2020 pela editora NewPOP, cuja paginação pode diferir da edição comum por conter informações extras. Ainda assim, a leitura foi realizada até o ponto em que se encerraria o volume tradicional, correspondente ao capítulo 5, intitulado Humano Rejeitado.

Ao ser introduzida na nova turma, Shouko usa um caderno para se apresentar e se comunicar com os colegas, evidenciando a falta de recursos da instituição para sua inclusão e adaptação, como um intérprete da língua. Esse gesto marca o primeiro momento em que Shouya percebe a diferença de Nishimiya, tratando-a como alguém de outro mundo, conforme ilustra a metáfora visual abaixo.

**Figura 6 - Visão de Shouya sobre Shouko**



**Fonte:** Oima Yoshitoki, 2020, p. 54-55.

Este momento também demonstra a negação da sua língua e a imposição de um sistema comunicacional que privilegia a língua oral a partir da leitura e escrita, reforçando as assimetrias que marcam Shouko. Inserida em um contexto onde sua língua natural é

desconsiderada, ela é situada numa posição marginalizada, evidenciando as barreiras estruturais que sustentam sua exclusão.

Sendo um artefato cultural da cultura surda, o fator linguístico opera como um dos principais pontos de constituição das identidades surdas. Da mesma forma, Strobel (2008) destaca que é a partir dele que surdos sinalizados acessam informações e conhecimentos. Logo, negar o acesso à língua de sinais implica negar o acesso à educação, aspecto evidenciado ao longo da construção narrativa de Shouko.

Nos diálogos reunidos por Lima Júnior (2024) com professores surdos da UFPE, demonstra-se o desejo de que a língua de sinais tenha o mesmo status linguístico da língua oral. Esse anseio aponta para um espaço formativo que não imponha perdas linguísticas e culturais a estudantes, professores e à comunidade surda em geral. Conforme a narrativa de Shouko, as perdas englobam os conteúdos escolares, mas também as perdas na constituição de si, nas relações interpessoais e no reconhecimento cultural.

Shouya, caracterizado como uma criança que adora desafios e vive em constante luta contra o tédio, passa a enxergar Shouko como mais um desafio a ser enfrentado. Assim, ele inicia uma série de provocações que vão desde gritos realizados para verificar sua surdez, até agressões físicas. Embora não seja possível desviar a atenção das atitudes de Shouya, interessa aqui destacar o papel dos profissionais da escola neste processo de integração/inclusão/exclusão de Shouko, em especial as posturas do professor e da coordenadora pedagógica.

Takeuchi, o professor, se apresenta como uma figura que desloca para os alunos a responsabilidade pela inclusão de Shouko, ao mesmo tempo em que sua prática pedagógica permanece inalterada diante da presença dela, o que faz com que o repasse de conteúdo seja delegado aos seus colegas. Além disso, o professor ativa dispositivos de in/exclusão ao exigir a participação de Shouko em atividades que desconsideram sua vivência surda, como a leitura em voz alta.

Esse acontecimento aproxima-se da experiência narrada pelo professor surdo Antônio Cardoso, segundo sua história de vida apresentada na tese de Ribeiro (2020). Durante o ensino médio, diante da ausência de recursos e de intérpretes de Libras, Cardoso recorria a colegas ouvintes, que, por compaixão, acabavam fornecendo respostas em avaliações de disciplinas. Nesse cenário marcado por uma inclusão que opera pela exclusão, ele foi reprovado duas vezes e acabou por desistir de concluir o ensino médio, retomando apenas sete anos depois.

No que diz respeito ao bullying, o professor adota uma atitude contraditória ao repreender Shouya ao mesmo tempo que legitima seu comportamento com falas como “é uma coisa que não tem jeito” e “eu até entendo como você se sente”. Tais enunciados são apropriados por Shouya como uma autorização implícita para seguir com as agressões, uma vez que até a autoridade docente parece concordar que o problema está em Shouko. Assim, a materialidade desses enunciados se manifesta não apenas nas falas, mas também na omissão e na ausência de intervenções efetivas, perpetuando atitudes excludentes no ambiente escolar.

Dessa forma, a presença de Shouko provoca uma ruptura na dinâmica estabelecida da turma, sendo associada à origem de incômodos cotidianos: ela passa a ser vista como responsável por atrasos, pela quebra da rotina e pela queda de desempenho em atividades como concursos e apresentações. Tudo isso enquanto ela persiste em sua tentativa de se adaptar e corresponder às expectativas de uma escolarização marcada por lógicas ouvintistas. Ela busca formas de negociação com seus colegas, o professor e com a própria dinâmica da sala em um esforço contínuo por pertencimento. A partir disso, a coordenadora pedagógica se situa na história.

**Figura 7 - Uma coisa que não tem jeito**



**Fonte:** Oima Yoshitoki, 2020, p. 89.

A coordenadora ocupa uma posição institucional que promove uma ideia de inclusão a partir de uma informalidade repassada em sala de aula. Ao insistir na participação de Shouko no concurso de canto, expõe a criança a um constrangimento coletivo, evidenciando os limites

de uma inclusão que não considera as especificidades dos surdos. Conforme ilustra a cena acima, o ouvinte se coloca num lugar de poder para avaliar e conceituar o outro a partir do lugar da deficiência — uma coisa que não tem jeito —, controlando também as práticas pedagógicas que privilegiam o som em detrimento da experiência visual.

Esse aspecto é discutido por Lulkin (2016) ao analisar o discurso moderno em torno da educação de surdos. Os projetos e práticas escolares operam como formas de *expressão cultural amordaçada*, ao negligenciar o papel central da cultura visual na constituição dos sujeitos surdos. Segundo o autor, “ [...] a escola, ao mostrar a produção artística de seus alunos surdos, pretende exibir uma superação da deficiência por meio de uma pedagogia que respeite as capacidades criativas de seus alunos e enriqueça seu acervo cultural” (Lulkin, 2013, p. 46).

No entanto, ele problematiza que mesmo em iniciativas como corais sinalizados ainda se observa a centralidade da produção sonora. Diante disso, o autor propõe a valorização de práticas que priorizem a linguagem visual como princípio estruturante das ações pedagógicas voltadas a estudantes surdos.

Da mesma forma, Skliar (2013) destaca que a experiência visual da criança surda não se restringe ao sistema linguístico, mas atravessa toda a dimensão corporal, emocional e mental. Por isso, o autor afirma que “[...] a questão da didática, a questão do conhecimento, tanto o escolar quanto o não escolar, e a questão das interações que as regulam devem ser criticamente discutidas e reconstruídas” (Skliar, 2013, p. 28).

Na narrativa, a coordenadora propõe que a turma reserve cinco minutos diárias para aprender a língua de sinais, apresentando a sugestão como uma estratégia de apoio à Shouko. No entanto, a proposta é contestada por uma colega, que considera mais prático manter a comunicação pelo caderno. Ao se colocar como disponível para o aprendizado juntamente com o professor, Takeuchi questiona se ela não acha vergonhoso pedir aos alunos que aprendam algo que ela mesma não domina, além de destacar que isso significa mais trabalho à sua rotina profissional.

Assim, a in/exclusão nos mostra que o que está em jogo não é a acessibilidade, mas o que é possível dentro de uma normatividade escolar já estabelecida. Dessa forma, o discurso construído pela instituição escolar, também presente no olhar docente, orienta-se pelo discurso da deficiência — um olhar patologizante que entende a criança surda a partir da falta e do ensino da palavra oral. Conforme Benvenuto (2006), essa perspectiva sobre a surdez se estrutura por meio de uma pedagogia focada em dispositivos de reeducação da fala, visando a integração das crianças surdas à norma ouvinte.

O poder está nas mãos dos que ouvem e falam para dizer à sociedade em geral e aos surdos quais os termos que os descrevem e os diferenciam. Da mesma maneira, determinam-se os projetos pedagógicos, as pesquisas médicas para implantes cocleares, os programas governamentais de educação pública etc. Dentro desses campos semânticos há lutas históricas (Lulkin, 2013, p. 43).

A experiência escolar de Cardoso, citada anteriormente, evidencia essa lógica de acessibilidade informal. Ao não garantir os recursos necessários, a instituição escolar transfere para os estudantes a responsabilidade pela inclusão, apagando seu próprio papel na construção de condições adequadas de participação. Dessa forma, a diferença é tratada como um obstáculo individual. A repetência e a desistência temporária de Cardoso são efeitos desse modo de funcionamento, que produz sujeitos marcados pela exclusão e pelo fracasso escolar.

Assim, Skliar (2013) enfatiza que o acesso à língua de sinais não pode ser compreendido como uma concessão individual, mas como um direito fundamental dos sujeitos surdos. Nesse caso, a problemática ultrapassa a figura do professor ouvinte, a ausência de metodologias específicas ou falhas localizadas no sistema escolar. Trata-se de desestabilizar representações ouvintistas historicamente consolidadas que, como evidencia a narrativa de Shouko, continuam a estruturar os modos pelos quais a surdez, os direitos linguísticos e os processos educativos dos sujeitos surdos são definidos, regulados e limitados.

Shouko é retratada como uma criança que mesmo diante de conflitos e agressões, reage com sorrisos e tentativas de minimizar as violências que sofre na esperança de alcançar uma harmonia e estabilidade escolar, considerando a quantidade de transferências provocadas pelo *bullying*.

**Figura 8 - Eu e você, podemos ser amigos?**



**Fonte:** Oima Yoshitoki, 2020, p. 118.

Sua resposta aos conflitos é marcada por pedidos de desculpas e tentativas de reparação, algo que soa incompreensível para Shouya, já que ele espera reações como raiva, tristeza ou desejo de retaliação. Assim, uma cena emblemática cristaliza esse desencontro; ao sinalizar sua intenção de estabelecer uma amizade, Shouko é mal interpretada. Apenas anos depois, quando Shouya aprende a língua de sinais, é que ele comprehende o sinal e passa a reconhecer suas tentativas de resolução e aproximação mesmo diante da violência.

Em contraste, a mãe de Shouko, uma mulher ouvinte que nunca aprendeu a língua de sinais, é retratada como alguém que incentiva a filha a demonstrar força para resistir ao *bullying*. Ela deseja que Shouko adapte até mesmo a sua aparência para torná-la menos feminina, como uma forma de demonstrar força. Além disso, parte dela a iniciativa de transferi-la para outra escola, movida pela indignação diante da incompetência da instituição e pela atuação do Shouya, colocado como o único responsável pelo bullying e exclusão.

Embora nosso foco recaia no primeiro volume, é relevante apontar como a narrativa revela a reação da família em relação à surdez da Shouko em volumes posteriores. Aos três anos, quando sua condição é descoberta, a família paterna a abandona, atribuindo a sua surdez a um carma dela ou da mãe. Essa atitude evidencia um saber presente no imaginário japonês, como discutido por Okuyama (2020). Sendo assim, o lugar da deficiência estaria ligada a uma punição moral.

A partir desse momento, a mãe passa a se dedicar ao trabalho para suprir as necessidades da filha, o que a torna ausente e transfere a responsabilidade da criação à avó. Mesmo diante de falas que situam a surdez como um problema, a avó aprende a língua de sinais para poder ensiná-la, embora também recorra a práticas informais de oralização no desenvolvimento da criança.

Desse modo, ainda que a subjetividade de Shouko não seja explorada no primeiro volume, observa-se tentativas contínuas de pertencimento e normatização. A personagem empenha-se em manter uma convivência por meio de recursos — impostos pela família ouvinte — que a aproximam da norma ouvinte, como o caderno de comunicação, os aparelhos auditivos e a fala oralizada.

Entretanto, ao longo dos volumes, esses esforços são marcados por uma cristalização do discurso de culpabilização, culminando em uma tentativa de suicídio. Afinal, a personagem é sempre colocada como um estorvo: responsabilizada pelo divórcio dos pais; pelos atrasos nas aulas; pela infelicidade dos outros; pela rigidez da mãe e pelo abuso que sofre.

Desse modo, podemos destacar um discurso presente em mangás surdos produzidos nas décadas de 1960 e 1970, como destacado por Nagai (1998 *apud* Okuyama, 2020), nos quais o abuso físico e as tentativas de suicídio são incorporados às narrativas que envolvem personagens surdos. Apesar das mudanças ocorridas nas representações desses personagens ao longo do tempo, ainda persistem saberes que continuam em vigor ao construir a figura do surdo, como nos conta a história de Shouko. Esses enunciados só são possíveis graças às formações discursivas que enxergam a diferença como algo a ser evitado, excluído, marginalizado. Assim, quem se distancia da norma deve evitar ser um fardo a todo custo.

Ainda assim, há momentos em que o convívio com a comunidade surda é evidenciado. Anos mais tarde, na adolescência, Shouko aparece frequentando uma escola para surdos e participando de clubes de língua de sinais, embora a narrativa não apresente outros personagens surdos nesses contextos.

Desse modo, ao longo da análise dos mangás, observa-se um movimento complexo de afirmação e negação das formações discursivas que permeiam a construção do que é ser surdo no Japão. Essa ambivalência revela uma heterogeneidade discursiva, marcada pelo conflito e diálogo constantes entre diferentes saberes de diferentes épocas e lugares (Fischer, 2001).

Por um lado, persistem discursos que associam a surdez a uma deficiência a ser corrigida; por outro, surgem vozes que evidenciam o convívio, a cultura e as identidades presentes na comunidade surda. Nishimiya Shouko, nesse sentido, carrega consigo marcas de enunciados que a posicionam entre a vulnerabilidade e culpa e uma afirmação silenciosa de si através de sua inserção discreta na comunidade surda. Assim, a sua história também coloca em pauta aspectos da inclusão/integração/exclusão que permeiam toda a educação de surdos.

Como aponta Fischer (2002), há uma responsabilidade nos modos como a mídia nomeia e representa os sujeitos marcados pela diferença. A forma como outro é visibilizado revela as disputas em torno dos sentidos atribuídos à diferença na ordem social. Neste sentido, a pedagogia presente na leitura dos mangás analisados evidencia que é possível provocar descontinuidades nos modos de perceber e significar a diferença. Esses mangás podem tensionar ao mesmo tempo que reforçam discursos sobre a surdez, construindo experiências que afetam, inquietam e colocam o sujeito em relação com saberes que estão em constante disputa e reconstrução. Como pedagogia cultural, a sua potencialidade se encontra nos modos como enuncia, representa e subjetiva.



**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa aventura de pesquisa, tornou-se inevitável reconhecer como essa dissertação me atravessou. Afinal, não nos debruçamos sobre um objeto de estudo sem sermos afetados por ele de alguma forma (Fischer, 2005). Assim, o lugar do mangá não foi apenas de mobilização de reflexões teóricas, mas também de evocação de memórias, afetos e rupturas que me constituem enquanto pesquisadora e sujeito em constante formação.

Partindo das questões norteadoras desta pesquisa, foi percorrido um caminho teórico-metodológico para respondê-las, com o objetivo geral de investigar de que maneira os discursos presentes em dois mangás operam nos processos de subjetivação do sujeito surdo. Para isso, o foco recaiu na análise da construção das personagens Nishimiya Shouko, em *A Voz do Silêncio* (2020), e Yuki Itose, em *Um Sinal de Afeto* (2024), buscando compreender como suas vivências se desdobram e constituem suas identidades ao longo das narrativas.

Em primeiro lugar, foi realizado um levantamento bibliográfico que evidenciou como pesquisadores têm se dedicado a compreender as questões relacionadas ao sujeito surdo e ao uso dos quadrinhos na educação. Esse diálogo constatou que as pesquisas em educação têm privilegiado a concepção da surdez que se distancia do discurso patologizante; uma concepção que a enxerga como diferença. Além disso, as potencialidades dos quadrinhos foram evidenciadas em diversas pesquisas dentro e fora da UFPE, embora não tenham sido objeto de estudo no PPGEDU nos últimos cinco anos.

Esse cenário evidenciou um campo ainda pouco explorado, sinalizando novos deslocamentos na pesquisa em educação a partir do mangá como objeto de análise. O olhar se voltou para uma perspectiva que comprehende esse artefato como uma pedagogia cultural, capaz de nos confrontar com múltiplos modos de aprendizagem que vão além dos muros da sala de aula. Por isso, a fundamentação teórica se baseou nos Estudos Culturais em Educação.

Da mesma forma, observou-se uma quantidade significativa de mangás que abordam a surdez, seja de forma direta ou indireta, abrindo espaço para novas investigações articuladas aos Estudos Surdos. Essas produções evidenciam a multiplicidade de narrativas em torno do sujeito surdo, apontando para uma heterogeneidade que escapa às tentativas de fixação de identidades. Além disso, há uma crescente preocupação e reconhecimento dos quadrinhos como uma potente via para explorar a experiência visual dos surdos, através de projetos criados por surdos e ouvintes em proximidade com a comunidade surda.

Nesse sentido, a análise do discurso partindo de noções foucaultianas nos colocou diante dos diferentes enunciados produzidos pelas narrativas. Essa ferramenta permitiu

estranhando discursos cristalizados, dando atenção aos vazios entre eles e contestar verdades antes inquestionáveis (Fischer, 2003).

No percurso da análise, a importância de se aprofundar no contexto histórico e social da deficiência no Japão foi reconhecida, partindo do pressuposto de que os textos não podem ser compreendidos fora do seu contexto de produção histórica e social. Isso nos mostrou uma sociedade marcada por lendas e tradições que flutuam entre enxergar a diferença como algo positivo ou como um fardo a ser evitado. Além disso, a história das línguas de sinais aponta para uma diversidade linguística difícil de padronizar, evidenciando também a influência da língua oral na língua de sinais, o que não é bem visto pela comunidade surda ativa. Mesmo assim, existem crescentes movimentos sociais em busca do reconhecimento cultural da diferença no país.

Sendo assim, é possível perceber nesses mangás marcas de uma historicidade ancorada na concepção patológica da surdez, embora surjam momentos de ruptura desta perspectiva ao longo das narrativas. Por isso, apesar da existência de enunciados que não consideram a constituição sociocultural e linguística do sujeito surdo, foram encontradas também manifestações de resistência, evidenciando um cuidado de si e um posicionamento frente às imposições ouvintistas.

Assim, se por um lado *A Voz do Silêncio* apresenta resquícios de estereótipos de mangás sobre surdez das décadas de 1960 e 1970, por outro destaca a língua de sinais e a inserção da personagem na comunidade surda. Além disso, a autora parte de vivências dentro da realidade da sua mãe, que, embora ouvinte, convive dentro da comunidade surda por atuar como intérprete da Língua Japonesa de Sinais.

Nessa direção, a narrativa nos convoca a um olhar sensível sobre a realidade de ser surdo em ambientes desprovidos de inclusão, sobretudo diante de situações de bullying, assédio e traumas. Assim, torna-se uma ponte para compreender o papel da instituição e do corpo docente no processo de inclusão, evidenciando os desafios e o caminho necessário para que os surdos ocupem o lugar que lhes é devido. Partindo disso, também é possível refletir sobre a importância da educação bilíngue para surdos, um espaço onde a experiência visual, a língua e a cultura são reconhecidas e valorizadas, para que, diferente da Shouko, suas vozes não sejam silenciadas.

Já *Um Sinal de Afeto* foca nas vivências cotidianas da personagem, o que coloca em evidência a sua identidade através do uso da língua de sinais e diálogos que colocam as suas vivências em destaque, trazendo uma perspectiva mais próxima da experiência subjetiva do sujeito surdo. Isso também é graças ao fato de que para além dos próprios caminhos

escolhidos pelas autoras, elas contam com o apoio de uma assistente surda para ter o suporte necessário na construção da personagem e na revisão dos sinais.

Por isso, diante de tentativas de enquadramento, observamos Yuki conduzindo estratégias para existir em um mundo que a posiciona como desviante. Sua trajetória aponta para modos de subjetivação que enfrentam o silenciamento, mobilizam afetos, relações e experiências que também podem ser evidenciadas nas experiências surdas trazidas por Ribeiro (2020) e Lima Junior (2024).

Então, a partir da análise, constatou-se que o mangá se constitui como lugar de aprendizagem porque nos confronta com realidades distintas, mas ainda muito próximas de nós. Através das histórias, somos levados a refletir sobre temáticas atuais, como exclusão, pertencimento, cultura, identidade e as relações de poder envolvidas nisso. Esse movimento de aprendizagem acontece de forma imprevisível, inesperada. Afinal, a pedagogia não está em busca de sujeitos; ela não precisa encontrá-los. Pelo contrário, ela se comunica de forma indireta, por imagens e afetos que nos tocam sem precisar nomear (Ellsworth, 2005).

No entanto, esta pesquisa também se deparou com limites que podem ser ampliados a partir de novos fazeres. Em primeiro lugar, notou-se a possibilidade ampliar a análise para volumes posteriores, a fim acompanhar os desdobramentos discursivos das personagens. Essa ampliação pode ainda incluir outros quadrinhos que abordem a surdez, inclusive aqueles publicados no Brasil e feitos por quadrinistas surdos, como as obras de Ju Loyola. Por fim, é importante ouvir as vozes daqueles que estão em pauta, por isso, a realização de entrevistas e questionários com leitores e leitoras surdos torna-se possibilidade, buscando compreender como essas e outras narrativas os interpelam e subjetivam seus modos de ser.

Na escolha da imagem para sinalizar esta seção, Yuki nos apresenta o sinal de *mais*. Seu movimento se projeta para cima, alternando entre a mão esquerda e a direita e só para de acordo com a intensidade que se deseja expressar. Mais pesquisas, mais articulações, mais rupturas, mais pedagogias. É isso que se faz necessário. O campo dos Estudos Culturais em Educação se expande e se mostra fértil para pensar e repensar os múltiplos lugares em que a aprendizagem acontece.

Em um campo marcado pela pluralidade de identidades, culturas, subjetividades, o sinal de Yuki nos fala para seguirmos adiante, abrindo espaço para mais possibilidades de pesquisa, leitura e ressignificação. É nesse *mais* que nos posicionamos, por uma educação que reconheça os diferentes espaços formativos, que reconheça a diferença, que se reinvente e que permita que os sinais de afeto presentes nas pedagogias culturais nos atravessem mais e mais.



---

**REFERÊNCIAS**

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Daniela Florencio de. **A cartilha em quadrinhos como instrumento para uma educação ambiental transformadora em defesa do manguezal.** 2023.

Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

ALMEIDA, Tayane Ferreira de. **Didática da história e arquétipos em quadrinhos de terror:** uma análise a partir de “Carniça e a Blindagem Mística”. 2024. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

ALMEIDA, Thayse Gomes de. **Efetividade de uma intervenção com história em quadrinhos sobre métodos contraceptivos no conhecimento de adolescentes escolares.** 2023. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, v. 33, p. e157950, 2017. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/edur/a/FTppyqQTJPm7YVWxWvmTj8S/>. Acesso em: 09 maio 2025.

BARROS, Rafaela de Alcântara. **Experiências educativas de pessoas negras surdas e construção de identidades.** 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

BENVENUTO, Andrea. O surdo e o inaudito. À escuta de Michel Foucault. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter (orgs.). **Foucault 80 anos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 227-246.

BRAGA Jr., Amaro Xavier. **Histórias em Quadrinhos Japonesas:** história, estética e impactos sociais. São Leopoldo : Faculdades EST, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. **Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002:** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. **Lei nº14.191, de 3 de agosto de 2021:** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União. Brasília, 2021.

CANOVA JÚNIOR, Dionson Ferreira. **O mangá pela didática da História:** as histórias sensíveis e os traumas da Segunda Guerra Mundial a partir de Gen Pés Descalços. 2024. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

CARDOSO, Antonio Carlos. **Políticas de ações afirmativas para promoção da acessibilidade comunicacional na UFPE:** experiências de professores surdos do campus

Recife. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

CARVALHO, Rebecca Moura de Almeida Ferreira; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Animes, mangás, psicologia e educação: uma revisão integrativa. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, v. 40, n. 123, p. 394-402, set. 2023.

CASTRO, Estela Carielli de. **Multimodalidade nos quadrinhos**: uma análise da HQ Vidas Secas. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

CASTRO, Iane Isabelle de Oliveira. **O uso de comic books como textos multimodais em aulas de Língua Inglesa**: estudo de caso com alunos do Ensino Médio Técnico do IFRN (Campus Apodi). 2020. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

CHROSE, Laica; LOYOLA, Ju. **More Than Words**. São Paulo: Print Park Gráfica, 2023.

CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105-131.

CORREIA, Lindinella da Hora. **A história da descoberta do DNA em quadrinhos**: apresentação do método científico numa perspectiva histórica e lúdica. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2022.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais - para além das fronteiras disciplinares. IN: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 13-36.

\_\_\_\_\_, Estudos Culturais e Educação - um panorama. IN: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Cultura, Poder e Educação**: um debate sobre estudos culturais em educação. Canoas: Ed. ULBRA, 2005, p. 107-120.

CUNHA, José Osvaldo Silva. **Tiras cômicas no ensino de ciências**: uma proposta didática para a alfabetização científica de professores de ciências da educação básica. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020.

DIODATO, José Roniero. **Repercussões das políticas de inclusão na educação de surdos**: vozes que ecoam em silêncio. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of Learning**: Media Architecture Pedagogy. New York: Routledge, 2005.

FERNANDES, Sueli; MOREIRA, Laura Ceretta. **Políticas de educação bilíngue para surdos:** o contexto brasileiro. Dossiê Educação Bilíngue para Surdos: Política e Práticas, Educ. rev. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/zJRcjZgSfFnKpbqTDh7ykK/>>. Acesso em: 28 jan. 2025.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault Revoluciona a Pesquisa em Educação? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 371-389, 2003. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9717>>. Acesso em: 03 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.) **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 117-140.

\_\_\_\_\_. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/88GzhyjNGG9pLt6NQchCf3j/>>. Acesso em: 17 maio 2025.

\_\_\_\_\_. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvTtzgg9t/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 maio 2025.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GESSER, Andrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na Sala de Aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 85-103.

GUEDES, Betina S. Educação de Surdos: percursos históricos. IN: LOPES, Maura Corcini (Org.). **Cultura Surda & Libras**. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2012, p. 13-27.

GUSMAN, Sidney. Mangás: hoje, o único formador de leitores do mercado brasileiro de quadrinhos. In: LUYTEN, Sonia M. Bibe (org). **Cultura pop japonesa**. São Paulo: Hedra, 2005, p. 79-84.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

JOHNSON-WOODS, Toni. **Manga:** an anthology of global and cultural perspectives. Nova Iorque: Continuum, 2010.

LEITE, Nahara Morais. **História em quadrinhos digital:** contribuições para o ensino de geometria na formação de professores que ensinam matemática. 2022. Dissertação (Mestrado

em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

LIMA, Elielma de Oliveira; NUNES, Marcus Antonius da Costa. A utilização de mangás para o ensino de leitura: Uma investigação sobre a inserção da literatura japonesa com alunos do ensino básico. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. e13712340437, 2023. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/40437>>. Acesso em: 16 jan. 2025.

LIMA JUNIOR, José Arnor de. **Protagonismo do professor surdo nas políticas da UFPE**. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

LOPES, Fábio Henrique; SOUZA, Alice Cristina S. L. M. de; CUNHA, Elise Marques Freire; MACÊDO, Joci Neuby Alves. O Uso de Mangás como Recurso Didático Para o Ensino de Química. **Quím. nova esc.** São Paulo, v. 45, n. 1, p. 51-59, fev. 2023. Disponível em: <<http://qnesc.sbn.org.br/edicao.php?idEdicao=94>>. Acesso em: 16 jan. 2025.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Acima de tudo, que a escola nos ensine. Em defesa da escola de surdos. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas, v. 19, n. 4, p. 691–704, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8648637>>. Acesso em: 5 jun. 2025.

LOUIS, Édouard. **Combats et métamorphoses d'une femme**. 1. ed. Paris: Seuil, 2021.

LULKIN, Sérgio Andres. O Discurso Moderno na Educação dos Surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 33-48.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hedra, 2012.

MONTEIRO, Natália da Silva. **Sweet tooth e ensino de química**: contribuições da Teoria Crítica da Mídia para a alfabetização científica. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2024.

MONTE, Sandra Razana Silva do. **O empate ambiental das heroínas do Tejucupapo: ensino por história em quadrinhos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

MORISHITA, Suu. **Um Sinal de Afeto**. São Paulo: Newpop, 2024.

NAKAMURA, Karen. The Politics of Japanese Sign Language. IN: \_\_\_\_\_ . **Deaf in Japan: signing and the politics of identity**. Ithaca, NY: Cornell UP, 2006, p. 13-30.

NASCIMENTO JÚNIOR, Aurino Francisco do. **Educação de jovens e adultos em uma cidade educadora: o uso de paradidático em quadrinhos no ensino da história local**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

NAZARENO, Glênio Gomes Nazareno; REISDORFER Grasiele. O uso do mangá como ferramenta de apoio à formação social e intelectual. **Cognitionis**, v. 5, n.2, p. 183–193, 2022.

Disponível em: <<https://revista.cognitioniss.org/index.php/cogn/article/view/121/116>> Acesso em: 15 jan. 2025.

NEWPOP inicia pré-venda de Um Sinal de Afeto e outras obras. **Biblioteca Brasileira de Mangás**, 12 abr. 2024. Disponível em: <<https://blogbbm.com/2024/04/12/newpop-inicia-pre-venda-de-um-sinal-de-afeto-e-outras-obras/>>. Acesso em: 02 jun. 2025.

OIMA, Yoshitoki. **A Voz do Silêncio (Edição Definitiva)**. São Paulo: Newpop, 2020.

OKUYAMA, Yoshiko. **Reframing Disability in Manga**. Honolulu: University of Hawai‘i Press, 2020.

OLIVEIRA, Kariny Michelly Silva de. **Potencialidades de histórias em quadrinhos e tirinhas para o trabalho com educação financeira no 5º ano do ensino fundamental**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

PAIVA, Fábio. **Histórias em quadrinhos na educação**. Recife: Quadro a Quadro, 2017.

PEREIRA, Gabriela Pereira de; FERREIRA, Maira. Matemática, arte e mangá: a cultura audiovisual em diálogo com as juventudes. **Zetetike**, Campinas, SP, v. 28, p. e020032, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8655905>>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PEREIRA, G. de F. dos S.; PEREIRA, A. M. de J. de S.; LUZ, C. E. de M.; COSTA, F. J. S.; SILVA, Í. C. da S.; LOPES, G. A. de C.. Mangás, animes e ciência: os Cavaleiros do Zodíaco e suas potencialidades para o ensino de ciências da natureza e matemática. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 21, n. 6, p. e4883, 2024. Disponível em: <<https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/4883>>. Acesso em: 16 jan. 2025.

PERLIN, Gladis T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 51-73.

PINHO, Milena de Souza Caldas; AMARO, Vitória Muniz; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. “**MANGÁS SURDOS**”: uma proposta de elaboração de material didático para o ensino de língua portuguesa para alunos surdos. **Revista de Comunicação Dialógica**, [S. l.], n. 7, p. 60–78, 2022. Disponível em: <<https://e-publicacoes.uerj.br/rcc/article/view/66567>>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PIZZOLATTO, Vitor Augusto. **Experiências e práticas de ensino e aprendizagem em ciências e biologia**: o professor, o TILS e o estudante surdo, três sujeitos, três narrativas e um enredo, a pandemia do COVID-19. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

RAMOS, Anderson Rodrigues. **Adaptação transcultural da versão brasileira da escala de medida de resiliência juvenil (CYRM-19BR) para a libras**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

RIBEIRO, Ernani Nunes. **Retratos de um professor universitário surdo:** experiências frente os paradoxos da inclusão/excludente educacional. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SANTO, Janaina de Paula do Espírito; CARNEIRO, Maristela. Cultura histórica, mangá e ensino de história: desaplanando memórias em O zero Eterno. **Interin**, n. 1, v. 26 p. 27-46, 2021. Disponível em: <<https://interin.utp.br/index.php/i/article/view/2372>>. Acesso em: 15 jan. 2025.

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS**, São Paulo, n. 27, p. 81-95. jan./abr. 2012.

SILVA, Any Carolyn Martins da. **O uso da ferramenta “história em quadrinhos” no ensino aprendizagem em temáticas socioambientais:** um modelo com ecossistema manguezal. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

SILVA, Diego Rodrigues da; SILVA, Francisco Vieira da; VILLEGRAS, María Margarita. Uma aventura docente sob meditações afetivas no ensino-aprendizagem: um estudo do mangá Assassination Classroom. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. esp. 3, p. 1509-1528, jun. 2021. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8075638>>. Acesso em: 15 jan. 2025.

SILVA, George Antônio Nogueira da. **A transcrição metonímica do discurso épico na Ilíada de Homero:** tradução em quadrinhos: um olhar intersemiótico. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

SILVA, Izabela Cristina Bezerra da. **Ensino e aprendizagem de estatística nos anos iniciais do ensino fundamental:** literatura infantil e história em quadrinhos como recursos pedagógicos. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

SILVA, Lucas de Oliveira da; FERRAZ, Vinícius Gurski; BEDIN, Everton. Mangá Dr. Stone como Estratégia de Atividade Lúdica para o Ensino de Química. **Revista Debates em Ensino de Química**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 40–55, 2023. Disponível em: <<https://www.journals.ufrrpe.br/index.php/REDEQUIM/article/view/5787>>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SILVA, M. R. P. da. Infância, história em quadrinhos e leitura de mundo: uma experiência com a linguagem quadrinística na formação de pedagogos e pedagogas. São Carlos: **Cadernos da Pedagogia**, n. 5 v. 1, p. 183-200. 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. IN: \_\_\_\_\_ (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, Vanessa Taumaturgo; SOUZA, Abílio Pachêco de; MOTA, Leila Saraiva. A representação do surdo no mangá Koe no Katachi. **Nova Revista Amazônica**, v. 11, n. 2, 2023. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/iOGAQ>>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 7-32.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

TEDESCHI, Sirley Lizott; PAVAN, Ruth. A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 772-787, 2017. Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/praxeducativa/article/view/9314>>. Acesso em: 14 maio 2025.

VALENÇA, Millena Lyra. “**Folhas de narrativa sequestrada**”: uma proposta transfeminista para o ensino de História através da HQ Xica Manicongo. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. Michel Foucault e os Estudos Culturais. IN: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 37-69

VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 32–48, 2015. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/18441>>. Acesso em: 04 maio 2025.

## GLOSSÁRIO

**Boys' love** – Gênero de mangá e anime que retrata relações homoafetivas entre personagens masculinos.

**Dentouki-shuwa** – Língua de sinais tradicional japonesa, usada sobretudo pela geração mais antiga de japoneses surdos.

**Metonímia Fukugo** – Termo que designa uma construção simbólica presente em lendas japonesas, na qual a deficiência é associada a um significado positivo, simbolizando boa sorte, fortuna e/ou proteção.

**Girls' love** – Gênero de mangá e anime que retrata relações homoafetivas entre personagens femininas.

**Inga** – Carma. Princípio budista de causa e efeito, segundo o qual as ações de uma vida resultam em consequências em outra vida.

**Josei** – Histórias publicadas em revistas voltadas para mulheres, geralmente com temáticas mais realistas, introspectivas e voltadas à vida cotidiana.

**Kegare** – Conceito religioso xintoísta relacionado à impureza espiritual, sendo usado para marcar o que deve ser purificado ou evitado.

**Nihon-shuwa** – Termo amplo para designar todas as línguas de sinais utilizadas no Japão.

**Nihongo-taiou-shuwa** – Sistema de sinais que segue a estrutura do japonês oral. Usado principalmente em contextos educacionais ou de mediação com ouvintes.

**One-shot** – Mangá publicado em um único capítulo ou volume curto, geralmente com narrativa autônoma e encerrada.

**Romaji** – Sistema de transcrição fonética do japonês para o alfabeto latino, utilizado para facilitar a leitura por quem não domina os sistemas de escrita japonesa.

**Seinen** – Demografia voltada a homens jovens adultos, abordando temas como política, violência e questões psicológicas.

**Shoujo** – Direcionado a meninas adolescentes, caracterizado por temáticas como romance, relações interpessoais, amadurecimento e fantasia.

**Shounen** – Voltado a meninos adolescentes, marcado por histórias de aventura, superação, amizade e ação.

**Shougai** – Termo japonês usado para designar deficiência, em que seus ideogramas significam interferência e prejuízo.

**Tokusatsu** – Gênero audiovisual japonês baseado no uso extensivo de efeitos especiais. Engloba produções como *Kamen Rider*, *Ultraman* e *Super Sentai*, com heróis, monstros e batalhas visuais.